

RACHEL, RACHÉIS

TRAVESSIAS ENTRE SABERES



03/12 Rachel e Rachéis - Tiago Vieira Cavalcante e Cristina Maria da Silva - 2011

Tiago Vieira Cavalcante
Cristina Maria da Silva



RACHEL, RACHÉIS

TRAVESSIAS ENTRE SABERES



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Milton Ribeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

Reitor

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor

Prof. José Glauco Lobo Filho

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. Almir Bittencourt da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Jorge Herbert Soares de Lira



IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Diretor

Joaquim Melo de Albuquerque

CONSELHO EDITORIAL DA UFC

Presidente

Prof. Paulo Elpídio de Menezes Neto

Conselheiros

Joaquim Melo de Albuquerque

José Emar da Silva Ribeiro

Felipe Ferreira da Silva

Maria Pinheiro Pessoa de Andrade

Profª. Ana Fátima Carvalho Fernandes

Prof. Guilherme Diniz Irffi

Prof. Paulo Rogério Faustino Matos

Profª. Sueli Maria de Araújo Cavalcante

COLEÇÃO ESTUDOS GEOGRÁFICOS

Conselho Editorial

Presidente

Prof. Eustógio Wanderley Correia Dantas

Conselheiros

Prof. Ana Fani Alessandri Carlos

Prof. Antônio Jeovah de Andrade Meireles

Prof. Christian Dennys Oliveira

Prof. Edson Vicente da Silva

Prof. Francisco Mendonça

Prof. Hércé Théry

Prof. Jordi Serra i Raventos

Prof. José Borzacchiello da Silva

Prof. Jean-Pierre Peulvast

Profª. Maria Elisa Zanella

Tiago Vieira Cavalcante
Cristina Maria da Silva

RACHEL, RACHÉIS

TRAVESSIAS ENTRE SABERES



Fortaleza
2022

Rachel, Rachéis: travessias entre saberes

Copyright © 2022 by Tiago Vieira Cavalcante, Cristina Maria da Silva

Todos os direitos reservados

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, fundos – Benfica – Fortaleza – Ceará

Coordenação editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de texto

Antídio Oliveira

Normalização bibliográfica

Marilzete Melo Nascimento

Programação visual

Victor Alencar / Frank Bezerra

Diagramação

Frank Bezerra

Capa

Anderson Lemos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Marilzete Melo Nascimento CRB 3/1135

C377r Cavalcante, Tiago Vieira.

Rachel, Rachéis [livro eletrônico] : travessias entre saberes / Tiago
Vieira Cavalcante, Cristina Maria da Silva. - Fortaleza: Imprensa
Universitária, 2022.

770 kb : color. ; PDF.

ISBN: 978-65-88492-94-9

1. Geografia literária. 2. Sociologia literária. 3. Literatura cearense
- Rachel de Queiroz. I. Silva, Cristina Maria da. II. Título.

CDD B869.098131

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PRIMEIRA TRAVESSIA	10
<i>Tiago Vieira Cavalcante</i>	
Rachel de Queiroz, uma geobiografia	10
Os lugares biográficos da escritora	13
Ecos de patrimônios vividos	30
SEGUNDA TRAVESSIA	45
<i>Cristina Maria da Silva</i>	
Paisagens humanas e uma biografia romanceada em Rachel de Queiroz	45
A configuração de uma experiência social singular	48
A crônica de uma vida	60
O romance biográfico	68
REFERÊNCIAS	81
OS AUTORES	92

APRESENTAÇÃO

O leitor tem em mãos um livro que teima em ser, ao mesmo tempo, geografia, sociologia e literatura, portanto, um encontro entre o campo das ciências e das humanidades. De suas páginas, flui nossa vontade de elaborar entrelaçamentos, conversações, pontes, ou, como preferimos dizer, travessias. Pensamos esse diálogo, como uma maneira criativa de apreender o mundo que nos envolve, assim como tão bem fazem os escritores que tanto amamos.

O livro, qualquer livro, ou melhor, a história que ele nos conta, é dessas criações humanas que provocam a nossa mente pela mistura, tão complexa quanto mágica, de mapas e tramas. Assim, vivenciamos a partir dele, por meio de suas palavras, paisagens inimagináveis e gentes inesquecíveis, lugares e pessoas às quais não conheceríamos de outra forma que não pela leitura.

Quem nos ajuda nesse desvelar sociogeográfico é Rachel de Queiroz, eminente escritora cearense. A partir do que viveu e escreveu, Rachel nos incita a pensar geografias e sociologias outras, animadas por caminhos trilhados tanto por ela como por suas personagens. Com a escritora, atravessamos diferentes partes do Brasil, seguimos pelas trilhas de suas personagens e somos apresentados aos seus amigos e familiares, compondo, dessa forma, a sua geobiografia ou uma biografia romanceada, enriquecedora da nossa maneira de apreender o mundo.

As grafias de sua vida se dão nos lugares, nas paisagens e nos cenários escolhidos de seus textos, nas comidas, nas memórias recolhidas pelos que conviveram com ela, evidenciando-nos que uma biografia, ao ser tomada como a história de uma vida, não quer dizer que seja somente baseada no que cronologicamente aconteceu, mas é feita de tudo o que a atravessa e em seus entrecruzamentos, fazendo desse contar um trabalho árduo e, por assim dizer, incessante, contínuo.

Seja diante das páginas vazias ou das agruras da paisagem árida, Rachel de Queiroz inspira, por meio de sua escrita, a pensar nas liberdades intersticiais e nas resistências, seja na escrita como também na vida. Escrevia porque era a sua arte, ainda que não tenha se desprendido de sua máquina de escrever. Talvez um modo de ter um maior domínio das palavras e como se o som das teclas e a impressão imediata no papel impresso em suas mãos retivessem entre seus dedos as suas histórias e a poupassem do medo da perda de tudo o que havia escrito, com o advento dos computadores.

O romance da vida social, que atravessa suas personagens, ajuda-nos a compreender as próprias transformações sociais e culturais dos lugares por onde ela passou e viveu. A arte ficcional nos abre a possibilidade de acessar o social por outras frestas e imaginá-lo de outra forma. As cartografias esboçadas por suas palavras nos abrem a imaginação para pensar as geografias físicas e humanas de outro modo.

A escrita de Rachel de Queiroz, mais do que uma representação regionalista, inscreve através de suas histórias um profundo questionamento das limitações dos sujeitos diante das imposições da cultura. As mulheres, com as quais ela contracena, abrem seus próprios caminhos dentro do instituído e, como ela, com os pés, desenham outros mapas para suas vidas. Seu texto, quando é regional, abre-se ao que há de mais universal na literatura, o chão da condição humana, em suas contradições e vicissitudes.

Não custa dizer que o presente livro tem o nosso nome na capa, porque, afinal, é uma obra autoral, contudo, de maneira alguma, uma obra solitária. Muitos foram os que a inspiraram e apoiaram. Diante disso, agradecemos aos Programas de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP-Rio Claro) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pelos espaços e interlocuções para que as pesquisas sobre a geografia e a sociologia de Rachel de Queiroz se realizassem. Agradecemos aos professores, funcionários e estudantes dos Departamentos de Geografia e de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC) pelo ambiente frutífero de trocas e debates, assim como ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da mesma universidade, pelo financiamento sem o qual este livro não seria possível.

Tiago Vieira Cavalcante
Cristina Maria da Silva
Fortaleza, agosto de 2021

PRIMEIRA TRAVESSIA

Tiago Vieira Cavalcante

Rachel de Queiroz, uma geobiografia

Sou uma mulher rústica, muito pegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante (QUEIROZ, 1945, n. p.).

Com esse sentimento telúrico, a escritora cearense Rachel de Queiroz nos deixou um legado de suma importância para desvelarmos a geografia que lhe é imanente, aquela que atravessou a sua vida e que foi incorporada nas suas obras, uma geografia existencial. Em relação às obras, em muito elas revelam a paixão que a escritora possuía por sua terra e por sua gente. Em entrevista a Hermes Nery, quando indagada sobre a sua afinidade com o seu solo natal, assim ela se expressa:

Você pensa que é dono da terra e, na realidade, a terra que é seu dono. No fundo você é uma peça incorporada naquele complexo de bichos,

de plantas, de flores e aromas. É um sentimento de você pertencer a um universo material, como uma referência que é base para muito daquilo que você faz. É a partir daquele chão, daquele pedaço de terra que você herda ou conquista, que você vai começar a construir sua vida, seus laços de afetividade, fincar a âncora de sua existência neste mundo (NERY, 2002, p. 84).

Essa paixão que não deixa de ser também geográfica, conceituamos como topofilia, termo cunhado pelo filósofo Gaston Bachelard (2008) e refinado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (2012) para indicar a relação afetiva e essencial que qualquer um de nós estabelece com os nossos lugares vividos.

Parece redundante falar de lugar vivido, como se existissem lugares não vividos ou sem vida, todavia fazemos isso para diferenciar lugar de local, entendendo este como um ponto no mapa e aquele como o espaço de nossas (con)vivências. Sobre o lugar, inclusive, Karjalainen (2003) questiona: como pode alguém existir sem um lugar? Afinal, enquanto seres-situados, não temos a possibilidade de viver fora do lugar, pois a vida humana é topocêntrica, sendo os lugares, portanto, compostos não somente pela natureza que os caracteriza, pois também conformados pelos sujeitos partícipes de nossa vida.

Iniciamos discorrendo sobre os lugares para esclarecermos o nosso entendimento, no contexto de uma geografia literária, de que, por detrás de toda obra literária,

existe uma geografia que permeia os caminhos da escrita (CAVALCANTE, 2019) ou, concordando com Lévy (1992), de que não existem escritos sem raízes geográficas expressas na relação entre o escritor e a natureza que dá sentido à sua existência.

A própria Rachel afirmava que, para a constituição dos cenários e personagens de suas obras, fazia uso de suas próprias vivências e experiências (QUEIROZ, 2004a). Não se trata de uma determinação, pois o fruto de tal escrita não é a mera reprodução do que está dado, mas sim de uma direção, uma vez que, ao escrever uma obra, o escritor (re)cria o mundo que o envolve, pois traça outros contornos para as paisagens que conhece e atribui novas características às pessoas com as quais convive (CAVALCANTE, 2019).

Mais do que isso, para irmos um pouco além da criação e imaginação literárias, essa geografia atravessa cada um de nós a todo instante, compondo a nossa identidade, o nosso modo de ser-estar-no-mundo. O lugar, nesse sentido, é o nosso espaço de movência, onde o tempo não para, é o espaço de relações e de trocas, de direções, distâncias e profundidades onde nos sentimos situados (DARDEL, 2011) ou, como escreve Karjalainen (2003), o lugar é um feixe de relações ambientais criadas no processo de viver.

Mas o que têm a ver esses lugares cheios de significados com a nossa vida e, além disso, se formos mais específicos, com a vida daqueles que têm o ofício de lapidar

palavras? Muito, podemos dizer. De modo que aqui propomos uma geobiografia com o propósito de colocar em relevo esses lugares, no nosso caso, de esclarecer o quanto eles estão inscritos na escrita de Rachel de Queiroz.

Se pensarmos que biografias são histórias sobre o curso da vida, por que não apreender tais histórias por meio das vivências e experiências nos lugares? Até porque tratar de uma escritora como Rachel, tão apegada a sua terra e a sua gente, é certamente discorrer sobre os lugares por onde andou e sobre as pessoas com as quais coexistiu. Biografias são sempre espaciais, pois, na vida, não existem fatos meramente temporais. De outro modo, poderíamos falar que todo acontecimento biográfico é situado.

Assim, a geobiografia é a apreensão do curso da vida por meio dos lugares vividos. E o geobiógrafo, responsável por isso, a pessoa interessada em mapear as dimensões espaciais das biografias, os lugares biográficos (KARJALAINEN, 2003). Perspectiva, certamente, que enriquece e amplia a nossa compreensão dos escritores e de suas obras, como poderemos ler a seguir.

Os lugares biográficos da escritora

Você sabe que eu não gosto de memória.
Nunca pretendi escrever memória nenhuma
(QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 11).

Lugares biográficos também podem ser pensados como lugares de memória. Uma geobiografia é, sobretudo,

composta pela tríade formada pela memória, o lugar e o *self* (KARJALAINEN, 2003). Essa tríade é representativa de nossa trajetória no tempo e no espaço ou, pelo menos, nos tempos e espaços que nos foram mais caros até então, até aqui e agora.

Rachel de Queiroz, como fica claro na epígrafe anunciada, não era afeita à escrita de suas memórias, memórias colocadas no papel, escritas, biografadas. De suas próprias mãos, certamente, a sua biografia não sairia. Sobre a possibilidade de escrever um livro de memórias, ela diria: “Memórias é um gênero muito pouco sincero: você apresenta ao público a pessoa que você gostaria de ser” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 39).

Pelo esforço de sua irmã, Maria Luíza de Queiroz, conhecemos um pouco mais dos meandros da vida de Rachel a partir do livro *Tantos anos* (1998). Mas não somente. Os escritos de Rachel também nos dão pistas dos seus lugares biográficos. Como ela afirmava: “Quem quiser me saber a biografia, leia as minhas crônicas. Pela data e o local de cada uma, já há uma informação” (QUEIROZ, 2002, p. 7). Portanto, crônicas e, do mesmo modo, romances, poemas, entre outras publicações, autorais ou de estudiosos da vida e da obra da escritora, além de entrevistas e relatos da própria escritora, serão nossos guias na apreensão dos seus lugares biográficos.

Importante dizer que Rachel foi uma escritora itinerante, que viveu em trânsito, no sentido de ter

passado por muitos locais e vivido em muitos lugares. Primeiro, porque o seu pai, Daniel de Queiroz, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, trabalhou em diferentes partes do Brasil, e, assim, ainda criança, ela morou nas cidades de Fortaleza, Quixadá, Belém, Rio de Janeiro e Guaramiranga. Segundo, pois, quando adulta e casada com José Auto, poeta e funcionário do Banco do Brasil, ela também morou nas cidades de Maceió, São Paulo e Itabuna. Esse trânsito, vale destacar, está presente em muitos de seus romances, como a própria escritora revela:

Outro dia uma pessoa escreveu que os meus romances sempre acabam em trânsito. É verdade: no *Quinze*, eles vão tomar o navio; nas *Três Marias*, tem o trem e assim por diante (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 38).

Dentre as várias cidades onde viveu, podemos destacar Fortaleza, Quixadá e Rio de Janeiro como aquelas que mais nos ajudam a compor a sua geobiografia. Tais cidades são os seus lugares biográficos por excelência, para os quais daremos evidência.

Fortaleza, capital do Estado do Ceará, não poderia deixar de ser o primeiro desses lugares visitado por nossa imaginação. Foi nela onde Rachel nasceu no dia 17 de novembro de 1910, mais precisamente na Rua da Amélia, nº 86 (atual Rua Senador Pompeu). Nela também, Rachel, ainda criança, residira em uma casa alugada na Praça

Coração de Jesus e, posteriormente, em uma chácara localizada no bairro Alagadiço, casa de enorme quintal, com bananeiras, goiabeiras, cata-vento, lugar onde havia sido instalada a antiga Casa de Saúde São Gerardo, na Avenida Bezerra de Menezes (QUEIROZ, 1976).

Nesse período, Rachel, aos dez anos de idade, foi matriculada no Colégio da Imaculada Conceição, por insistência de sua avó paterna, Rachel Alves de Lima, que não se conformava de a neta ainda não ter uma educação religiosa (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997). Nada mal para a menina que tinha loucura em frequentar a escola, e ninguém permitia.

O interessante é que, no exame de admissão para ingressar no referido colégio, Rachel revelou conhecimentos de Geografia aprendidos principalmente pelas páginas literárias (CUNHA, 2010). Sobre essa ocasião, Cunha e Figueiredo (2010, p. 334) revelam o seguinte: “uma irmã indagou-a como poderia fazer para dar a volta ao mundo. A menina esnobou, respondendo se ela gostaria de ir pelo Estreito de Magalhães ou pelo Canal do Panamá”. Acioli também destaca algumas curiosidades desse instante:

A partir disso, o exame transformou-se em uma deliciosa viagem da menina de dez anos com sua professora. Escolheram começar a volta ao mundo pelo Cabo Horn, por sugestão de Rachel. Assim evitariam tempestades e ainda poderiam apanhar pérolas nos mares das ilhas do Sul (ACIOLI, 2007, p. 37).

Cabe aqui um necessário “parêntese literário”. Para conhecermos um pouco mais dos espaços do Colégio, vale uma visita ao livro *As três Marias*, obra mais autobiográfica de Rachel, publicada em 1939. Ainda no início do romance, diferentes passagens ilustram as primeiras impressões da protagonista sobre a geografia do colégio:

Na parede caiada se desenhava, enorme, o emblema azul da Virgem Maria. Ao centro do pátio ficava o caramanchão cheiroso do jasmineiro e dentro dele, no fresco e no sombrio do verde, a imagem de uma moça de vestido branco e pés nus – uma Nossa Senhora bonita e triste (QUEIROZ, 1979, p. 3).

[...]

Nas varandas do recreio as luzes estavam acesas, mas nos grandes pátios cheios de árvores as sombras tomavam tudo e o Colégio parecia ali mais triste ainda e mais inimigo (QUEIROZ, 1979, p. 6).

[...]

A capela, toda na penumbra, apenas iluminada pela grande Nossa Senhora do alto-mor, coroada de estrelas, era como o cenário preciso para dar mais força à complexa impressão de medo, estranheza, novidade, e à imprecisa

angústia, que me possuíam desde os meus primeiros passos, colégio adentro (QUEIROZ, 1979, p. 8).

[...]

O colégio era grande como uma cidadela, todo fechado em muros altos. Por dentro, pátios quadrados, varandas brancas entre pitangueiras, numa quietude mourisca de claustro (QUEIROZ, 1979, p. 14).

O colégio revelado por Maria Augusta, protagonista do romance, possui espaços com diferentes tonalidades, nuances e dimensões. São espaços carregados de imagens e símbolos da ordem e da doutrina que ali dominavam. Vale dizer que foi nesse colégio que Rachel teve a sua única educação formal, saindo de lá em 1925, com quinze anos de idade, com o diploma de professora primária, normalista (CAVALCANTE, 2019).

Ainda em Fortaleza, outro local se destaca. Onde era o antigo sítio do Pici, no qual “Tinha açude, pomar, baixio de cana, num vale fresco e ventilado, para os lados da lagoa de Parangaba” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 77), hoje encontramos a Casa de Rachel de Queiroz, localizada na Rua Antônio Ivo, 290, no bairro Henrique Jorge. Casa onde a escritora viveu, imaginou e teceu algumas de suas mais importantes obras, a exemplo de *O Quinze*, publicado em 1930.

Foi lá que escrevi *O Quinze*. Muito perseguida, pois minha mãe me obrigava a dormir cedo – “essa menina acaba tísica!” –; quando todos se recolhiam, eu me deitava de bruços no soalho da sala, junto ao farol de querosene que dormia aceso (ainda não chegara lá a eletricidade), e assim, em cadernos de colegial, a lápis, escrevi o livrinho todo (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 78).

No Pici, Rachel gostava de armar sua rede nas grandes mangueiras do pomar e passava as tardes lendo. À noite, os presentes formavam uma pequena “orquestra” com o professor de violão, Litrê, a filha dele, Altair, e um menino chamado Perose. Nas noites de lua, chegavam uns moços de Porangaba para fazer-lhes serenata e, como na época a moda era o tango, cantavam *Mi noche triste* (QUEIROZ, 1995a).

Nesse ambiente, em consequência da proximidade do sítio de Fortaleza, distante cerca de quatro quilômetros da Avenida João Pessoa, importante via que levava ao centro da cidade, a escritora iniciante começou a frequentar a roda dos literatos liderada por Antônio Sales (romancista e poeta cearense), sendo ela uma das poucas mulheres vistas pelos cafés da Praça do Ferreira, o que era um escândalo para a sociedade da época (CAVALCANTE, 2019).

Entretanto, não é somente a partir dos locais que fazem de Fortaleza um lugar biográfico que podemos

compor a geobiografia de Rachel de Queiroz. Quixadá era um de seus lugares diletos, município localizado a cerca de 160 quilômetros de Fortaleza. Partindo de Fortaleza, logo que nos aproximamos do município, visualizamos os monólitos que o caracterizam: imensas sentinelas de pedra que parecem brotar da terra para proteger os encantos do lugar.

Os monólitos são formações graníticas de diferentes formatos, popularmente conhecidos como serrotes e geomorfologicamente denominados de inselbergues. São elevações ilhadas que aparecem em regiões de clima árido quente e semiárido como produtos de pediplanação (processo de aplainamento de superfícies extensas submetidas a climas áridos quentes e semiáridos) e cuja evolução se faz em função de um sistema de erosão com o clima (GUERRA, 1966).

Sobre essa visão do relevo de Quixadá, nada mais belo do que a paisagem que surge aos olhos de Vicente, um dos protagonistas do romance *O Quinze*, quando em retorno à sua terra depois de visita à prima Conceição e à tia Inácia, em Fortaleza.

Vicente ia revendo com carinho as grandes pedras de Quixadá que se destacavam abruptamente sobre a vastidão arranhenta da caatinga, erguendo, céu acima, as enormes escarpas de granito.

A luz lhes dava gradações estranhas, desde o cinzento metálico, e um azul da cor do céu, e

o outro azul de violeta pálido, até ao negro do lodo que escorria em grandes listas, sumindo-se nas anfractuosidades, chamalotando as ásperas paredes a pique.

Surgiam ao longe, como uma barreira fechada e hostil, os serrotes ligando-se aos serrotes, num alinhamento amontoado (QUEIROZ, 2020, p. 99).

Depois que passou a morar no Rio de Janeiro, Quixadá era um lugar que a escritora costumava visitar em estadas invernais. Foi lá onde Rachel definitivamente plantou as suas raízes afetivas (ACIOLI, 2007), pois, quando pequena, as fazendas de sua família, especialmente a Junco e a Califórnia, faziam parte de suas memórias.

Na fazenda Junco, por exemplo, Rachel teve uma infância recheada de histórias e aventuras, de experiências que alimentaram a sua imaginação de escritora. Cantadores, danças, vaqueiros e vaquejadas, comidas e bebidas típicas; todas essas peculiaridades faziam parte do cotidiano do pátio da fazenda. Rachel também convivía com parentes e agregados os mais diversos que inspiraram mais tarde muitos dos personagens que apareciam em suas histórias (ACIOLI, 2007).

Califórnia, por sua vez, era a fazenda da família comandada por Rachel Alves de Lima, avó paterna da escritora. Fazenda com casa enorme, famosa por suas 85 portas. De lá ela trazia lembranças da cozinha de sua avó e de histórias em torno das riquezas da fazenda. Rachel

tinha essa fazenda como o centro do seu mundo, pois era onde se reuniam em torno de sua avó os filhos, genros, noras e netos. Na fazenda, passavam as férias ao som de piano ou gramofone, de cavalgadas, novenas e namoros. Com a morte de sua avó, aos poucos, a fazenda foi sendo esquecida. Logo começaram a escavar a casa velha, atrás de botija de ouro com que alguém tinha sonhado, ocasionando a derrubada do casarão de taipa (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998).

Entre todas as fazendas, nenhuma tocava mais forte a sua geografia pessoal do que a Não Me Deixes. De acordo com Aguiar (2010, p. 109), o nome da fazenda, “traduz um apelo de seus antepassados para a família jamais abandonar ou vender aquela aprazível propriedade encravada em pleno sertão cearense”.

Depois da morte de Daniel, seu pai, em 1948, Rachel não abriu mão desse pedaço de terra que dizia ser seu; a posse efetiva se deu em 1953, quando a fazenda foi desmembrada do Junco, sendo repassada para a escritora. Lá, com a ajuda do irmão Roberto, do segundo marido Oyama e do mestre João Miguel, ela aos poucos construiria a sua tão sonhada casa. Casa de lembrança-sonho, como bem definiria Bachelard (2008, p. 34), “perdida na sombra de um além do passado verdadeiro”.

Roberto emprestou-lhes um jipe – um *Land Rover* inglês – que ajudou nos deslocamentos que faziam do Junco até o Não Me Deixes. Oyama não entendia nada de construção, mas Rachel parecia ter também algum talento

para esse tipo de obra. Quando quis fazer o telhado de tacaniça, de quatro águas, igual ao do Junco, e o mestre não entendia muito bem as suas explicações, pegou uma porção de varinhas, raspou-as e armou um telhado em miniatura. Com exceção das telhas e de algumas ferragens, toda a casa do Não Me Deixes foi feita com recursos provenientes da mata local (CAVALCANTE, 2019).

A construção da casa na fazenda Não Me Deixes nos remete a Heidegger (2008), à construção que, segundo o filósofo, já é, em si mesma, um habitar, um “de-morar-se”, pois era naquela casa que Rachel se sentia plena, estando junto de sua terra e de sua gente. A fazenda fazia com que ela (re)lembrasse todas as experiências que outrora tivera ao lado do povo e da paisagem do sertão cearense. Fazendo uso de alguns termos de Bachelard (2008), podemos dizer que a casa da fazenda Não Me Deixes era sua “casa onírica”, seu “canto no mundo”, onde a escritora (re)encontrava as lembranças do que tivera quando jovem nas fazendas Junco e Califórnia. Assim, ela (re)tornava à casa dos seus sonhos, que a fazia se sentir feliz. Quando perguntada por Aires (1978) sobre o que iria fazer no sertão, invariavelmente Rachel respondia: “ser feliz”.

Não podemos deixar de pensar que esse retorno à casa da infância que habita os corações de todos nós é também o destino de muitas das personagens de Rachel. Em *O Quinze*, após as agruras trazidas pela seca, no final da narrativa, a chuva anuncia o retorno

ao antigo lar, especialmente por parte de Dona Inácia, avó de Conceição, que não via a hora de voltar para Logradouro, a sua fazenda em Quixadá.

Em *Dôra, Doralina*, frente às contrariedades vividas na fazenda onde reside, Dôra decide juntar-se a uma Companhia de Teatro que a levará para diversas partes do país. Isso não a impede, depois da morte de sua mãe, de voltar à fazenda Soledade, onde havia morado, com o dever de assumir o que ela deixara. No livro, é célebre uma das falas de Dôra: “O círculo se fechou, a cobra mordeu o rabo: eu acabei voltando para a Soledade” (QUEIROZ, 1992, p. 232).

Situação em parte semelhante é vivida por Maria Moura, em *Memorial de Maria Moura*. Obrigada a pôr fogo em sua casa, em Limoeiro, em um contexto de conflitos familiares, vê-se destinada a correr com seu grupo pelo sertão em busca do próximo destino, de uma nova vida, de outra morada (CAVALCANTE, 2019) e ainda afirma:

Mas esse meu desejo de ir embora não tem nada a ver com o meu amor pela casa e pela terra: aqui nasci e me criei. Acontece que sempre chega a hora de largar o ninho. Do pinto quebrar a casca e pular do ovo (QUEIROZ, 2007, p. 65).

Entre idas e vindas, o lar é o horizonte não só de Rachel, mas de muitas de suas personagens. Fortaleza e Quixadá, no Ceará, são lugares que Rachel leva consigo quando passa a morar no Rio de Janeiro, onde vive até o

final de sua vida. Isso fica claro em conversa com Lira (2003, p. 119), para quem confessou: “Nunca saí daí. Vivo no Rio de Janeiro porque é o jeito, tenho que ganhar a vida. Mas, sempre que posso vou aí. Ganho dinheiro aqui no Rio para gastar no Ceará, terra que eu adoro”.

Rachel conhecia o Rio de Janeiro desde criança quando, com cerca de seis anos de idade, passou a morar nesse lugar com a sua família, em consequência de um trabalho de seu pai. Entretanto, somente em 1939, muda-se em definitivo para a “cidade maravilhosa”, estabelecendo a sua profissão de escritora.

Na cidade, frequentava locais como a Livraria José Olympio, estando próxima dos escritores José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Ao chegar ao Rio de Janeiro, com 29 anos, Rachel logo se juntou ao grupo; comparecia diariamente à loja da Rua do Ouvidor, integrando-se à conversa dos homens, até mesmo trocando piadas picantes. Com toda essa convivência, as visitas ilustres e as conversas acaloradas, José Olympio passou a chamar sua livraria de “a Casa”, e o poeta Drummond definiu o que tinha nela de tão diferente: “tinha alma” (FONTES, 2012).

No Rio de Janeiro, Rachel morou em diferentes locais. Um deles foi a Ilha do Governador, onde viveu com Oyama. Em uma de suas crônicas, *Diálogo das Grandezas da Ilha do Governador*, de maio de 1944, podemos ler as impressões da escritora sobre a Ilha:

E afinal se avista a ilha.

Primeiro é uma língua de terra, um esboço fugidio, saindo da bruma matinal. Olha, ali vai ser a ponte! Mas nós nos recusamos a pensar na ponte; o nosso coração de insulares não deseja promiscuidades com o continente. Quer mesmo é o esplêndido isolamento.

Surge o trapiche. Ah, era assim mesmo que eu sonhava um trapiche, igual à “ponte velha” da minha terra, de vigas negras encaroçadas de mariscos.

E então, saltando na praia da Ribeira, entre meninos que vendem camarão e senhoras gordas e funcionários que iniciam uma desadorada maratona cuja meta é o bonde, nós afinal tomamos posse da ilha (QUEIROZ, 1994, p. 117).

O galo de ouro, sexto romance de Rachel, de 1985, antes publicado em forma de folhetim, em 40 edições na revista *O Cruzeiro*, no ano de 1950, tem na Ilha do Governador uma de suas paisagens. É a primeira obra da escritora que não tem o Ceará como cenário. No romance, conhecemos mais da provinciana e silenciosa Ilha, de praias tranquilas e morros desabitados:

Do lado do mar se avistava a baía numa extensão enorme, as montanhas de Teresópolis e o Dedo de Deus azulando bem longe, a água

tranqüila emendando com as manchas verdes do mangue cheio de garças. Do lado de terra, o chão se ondulava em pequenos morros cobertos de verde, sem árvore e sem casas, como um gramado (QUEIROZ, 1986, p. 24).

Ainda no Rio de Janeiro, em outro local, mais exatamente no bairro Glória, podemos apreender em Rachel seus tempos de grande interesse pela política; na verdade, um interesse que a define desde o início. Nos idos de 1960, ela declarava “aos quatro ventos” seu horror pelo que fora o getulismo e pelos políticos que para ela eram herdeiros daquele período: João Goulart (Jango) e Leonel Brizola. Seu apartamento na Glória serviu como ponto de encontro daqueles que, assim como ela, conspiravam a favor do que viria a ser o golpe de 1964. Em entrevista a Nery (2002), Rachel expôs como era feita a conspiração e esclareceu alguns de seus posicionamentos:

Nós nos reuníamos aqui em casa para discutir a situação do Brasil. O Adonias Filho, por exemplo, vinha muito aqui, trazia alguns amigos seus generais que não se conformavam com o Brasil nas mãos de Jango (p. 214).

[...]

Combinavam as coisas. Quem falaria com quem, como fariam etc. tudo foi feito com a maior discrição. Eles vinham à minha casa

(um ou outro fardado) porque ela ficava no prédio da Embaixada Suíça, um local bastante protegido (p. 215).

[...]

Eu tinha sido solidária à revolução de 1964 e ao governo de Castelo Branco. Mas depois, quando o grupo do Costa e Silva apertou as coisas e veio o AI-5, me afastei completamente. Eu e Oyama éramos amigos do Castelo, recebemos a eleição do Costa e Silva como uma deposição do Castelo. Nós não tivemos nada a ver com o que veio depois, com os excessos da linha dura. Não era aquilo que defendíamos e queríamos para o Brasil (p. 218).

Comunista no início da carreira, trotskista durante o Estado Novo e liberal de esquerda, como Rachel se definia, durante o apoio ao Regime Militar iniciado em 1964, foi, principalmente, sua última postura e o fato de ser a primeira mulher eleita na Academia Brasileira de Letras (ABL) que fez da sua candidatura um pequeno alvoroço (CAVALCANTE, 2019).

A eleição da academia aconteceu no dia 4 de agosto de 1977. Foram 23 votos a favor, contra 15 recebidos por seu opositor, o jurista Pontes de Miranda, além de um voto em branco. No dia 4 de novembro do mesmo ano, a escritora tomava posse na cadeira de número 5, cujos predecessores foram Raimundo Correia (seu

poeta dileto quando menina), Oswaldo Cruz, Aluísio de Castro e Cândido Mota Filho. Cadeira cujo patrono fora Bernardo Guimarães. Logo, ela se tornou frequentadora assídua do *Petit Trianon*, sede da ABL, dos chás todas as quintas-feiras às três da tarde, antes das sessões em que os acadêmicos discutiam seus mais recentes escritos (ACIOLI, 2007; CARVALHO, 2010; FONTES, 2012).

A última morada de Rachel no Rio de Janeiro foi em um apartamento no Leblon, no edifício denominado Rachel de Queiroz. Heloísa Buarque de Hollanda nos traz impressões mais detalhadas do singular apartamento:

Ao entrar no amplo salão da casa da escritora, um primeiro estranhamento: onde estará o sofá? Não, não há um sofá estofado na casa de Rachel. Um rápido lançar de olhos me leva, novamente, para paisagens distantes. Aquela sala de estar, ampla, bem decorada com móveis brasileiros valiosos, objetos antigos e algumas plantas, é, na realidade, uma sala de fazenda. Eu acabara de entrar em território cearense (HOLLANDA, 1997, p. 105).

Mesmo no Rio de Janeiro, Rachel conservava em seu apartamento um ambiente que a levava para o Ceará. Isso não se revelava somente no seu lar; aparecia também em suas obras, no imaginário que desvendava as pessoas, instantes e paisagens desse lugar. É nesse apartamento no Leblon que, aos 92 anos, no dia 4 de novembro de 2003,

Rachel de Queiroz falece deitada em sua rede. Rede, diga-se de passagem, objeto de lembrança e resistência que ela trouxera de sua terra como forma de proclamar que, mesmo não estando lá, de lá jamais partira.

Fortaleza, Quixadá e Rio de Janeiro se entrelaçam, demonstrando a relação próxima de Rachel com locais e pessoas, conformando os seus lugares biográficos. Suas vivências e experiências nesses lugares não somente revelam as espacialidades que envolviam a escritora – fatos históricos, ambientes físicos, estruturas sociais, costumes e ideologias –, como também as geograficidades que a compunham – os laços de cumplicidade estabelecidos com o seu ambiente a partir de simbolismos, sentidos, identidades e afetividades (MARANDOLA JÚNIOR; OLIVEIRA, 2009).

Pensamos, no caso de Rachel, que essas espacialidades e geograficidades, em conjunto, resguardam a memória de uma escritora que invariavelmente celebrou a sua terra e a sua gente. Revelam geografias presentes nas suas ações e escritos, realizações importantes em sua vida, porque hoje preservam ou conservam parte da natureza e da cultura do Ceará. São, além de tudo, patrimônios imateriais e materiais representativos da identidade cearense.

Ecoss de patrimônios vividos

Essa ligação de amor que o nordestino tem com a sua terra... Pensando bem, será mesmo de amor?

Ou antes: será *só amor*? Talvez maior e mais fundo, espécie de mágica entre o homem e o seu chão; a simbiose da terra com a gente. Vem na composição do sangue. Aquela terra salgada que já foi fundo do mar tem mesmo o gosto do nosso sangue (QUEIROZ, 1993a, p. 19).

Pensar em patrimônios, culturais ou naturais, materiais ou imateriais, é remeter especialmente a institucionalizações, ligadas a órgãos ou instituições públicas nas diferentes escalas do Estado. Institucionalizações frequentemente realizadas sem a participação da população, o que faz com que esta não se reconheça como parte dos patrimônios tombados.

Os tombamentos estabelecidos, portanto, enquanto atos de reconhecimento histórico, ambiental, artístico ou cultural de um bem social, exigem o real envolvimento da sociedade, de modo que tal envolvimento provoque o que temos denominado de tombamento afetivo. Afeto no sentido de afetar e de ser afetado, de se entender e se colocar como sujeito atuante no espaço na elaboração de patrimônios vividos (ARAGÃO; CAVALVANTE, 2020), afinal, como proclama Rachel na epígrafe, a nossa terra está na composição de nosso sangue, compondo o nosso ser. Entende-se aqui, portanto, o seguinte: patrimônios vividos requerem tombamentos afetivos ou, de outro modo, tombamentos afetivos propiciam patrimônios vividos. Trazemos alguns exemplos desses patrimônios vividos também a partir da vida e da obra de Rachel de Queiroz.

O primeiro está relacionado ao livro *O Não Me Deixes: suas histórias e sua cozinha* (QUEIROZ, 2004b), quando Rachel decidiu escrever sobre as comidas e bebidas oriundas de suas vivências junto às fazendas da família, Califórnia e Junco, e à sua estimada Não Me Deixes. Fazendas já apresentadas por nós, onde a alquimia dos alimentos entrelaça memória, identidade e sabor.

É nas fazendas de gado que a cozinha sertaneja se constituiu. O melhor exemplo de Rachel sobre essa cozinha diz respeito à fazenda Califórnia, onde se comia “entre as carnes, galinha, carneiro e peru assado em dia de festa; no mais, feijão de arrancar (feijão-de-corda só era feito para a cozinha), pirão de ovos, farofa, alguma couve cozida no feijão. E quando era tempo, maxixe” (QUEIROZ, 2004b, p. 22).

A cozinha é vista como uma “arte oral e de imitação direta” (CLAVAL, 2014, p. 282), relacionando diferentes gerações de agregados e familiares em trocas de estima, mas também de receitas. É a partir daquilo que experimentou e aprendeu junto à cozinha da fazenda Califórnia que a escritora pensou a cozinha de sua fazenda, talvez como uma maneira de rememorar momentos saborosos, pois “O sabor expresso no gosto e no cheiro é imaginação; é memória, pois estes nos remetem a outros lugares, a sentimentos agradáveis (ou desagradáveis), a experiências vividas” (GRATÃO; MARANDOLA JÚNIOR, 2011, p. 62).

Quem foram as pessoas que compuseram as experiências vividas de Rachel junto à cozinha sertaneja? Eram pessoas, comumente mulheres, que preservaram a “memória gustativa” do lugar onde viviam. Dona Rachel e dona Clotilde, respectivamente avó e mãe de Rachel, além de Antônia e Nise, cozinheiras da família, são responsáveis por assinar muitas das receitas que a escritora dispôs no livro (CAVALCANTE, 2019).

Quem comandava a cozinha da fazenda Califórnia era dona Rachel, matriarca da família. Gostava de todos os parentes e amigos ao seu redor, e uma das maneiras de fazer isso era reunindo-os em torno das receitas que eram preparadas. No entanto, seu lema era não permitir “luxo” de criança que, às refeições, tendo mais de sete anos, comia o mesmo que os adultos. Como confessa a escritora em lembranças de sua infância:

A cozinha da Fazenda Califórnia, onde reinava a minha avó dona Rachel, era, como culinária, detestada por nós crianças. Dizíamos entre nós que era feita na base da pimenta-do-reino, que abominávamos: pimenta-do-reino com carneiro, pimenta-do-reino com carne de porco, pimenta-do-reino com cabidela. Pimenta-do-reino, acima de tudo. Evidentemente exagerávamos. Mas que a comida da Califórnia tinha pimenta-do-reino demais, tinha (QUEIROZ, 2004b, p. 21-22).

Dona Clotilde também fora uma exímia cozinheira e, como outras mulheres da família, mantinha-se no tripé mãe-esposa-dona de casa (FONTES, 2012). Muitas das receitas que Rachel reproduziu em seu livro tentam recuperar aquilo que experimentara em sua infância no Junco, em Quixadá, período em que a cozinha era comandada por sua mãe. É de dona Clotilde, por exemplo, a receita de queijo de coalho que encontramos no livro. Dela, também, é a receita da cajuína, bebida não alcoólica elaborada com cajus muito doces, inventada, segundo a escritora, pelo ilustre escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo.

Quem estava ao lado de Clotilde na cozinha, tanto do Junco quanto do Pici, era Antônia. Descendente de índios e empregada da família desde os seus dezoito anos, ela era babá e governanta e, com o tempo, passou a também comandar a cozinha. De Antônia são apresentadas as receitas, entre outras, das castanhas de caju confeitadas, do requeijão e de uma carne que levava o seu nome, a “Carne da Antônia”, receita que aprendera de um velho livro de cozinha, *O cozinheiro nacional*, da avó de Rachel.

Na fazenda Não Me Deixes, quem conduzia a cozinha com Rachel era Nise, herdeira direta da cozinha de Clotilde e Antônia. Para Rachel, o dom culinário de Nise se confirma quando ela consegue reconstituir no queijo de coalho do Não Me Deixes o queijo do Junco feito por sua mãe. Receitas como a do doce de laranja e a do bolo de milho também são atribuídas a ela.

Junto a essas pessoas, um mapa do sabor da fazenda Não Me Deixes poderia ser imaginado envolvendo o açude, onde os peixes são pescados, principalmente quando ele está cheio; os pomares, que garantiriam a provisão de doces para a despensa da cozinha; e o terreiro, quintal no fundo da casa, onde se torrava o café. Nesse mapa, também podemos incluir todo o mobiliário relacionado direta ou indiretamente aos afazeres da cozinha da fazenda; afinal as transformações na elaboração do alimento não acontecem simplesmente pela força do pensamento (CAVALCANTE, 2019).

Na fazenda, o leite, a farinha de mandioca, o feijão e o milho eram os alimentos fundamentais para a confecção das mais diferentes receitas. Deles é possível preparar o queijo de coalho, o requeijão, a paçoca, o beiju, o baião de dois, a canjica, a pamonha, o mugunzá e o cuscuz, entre outras iguarias sertanejas.

Já as principais carnes consumidas eram as do carneiro (mas também a do bode), com que se prepara a panelada, a buchada e o sarrabulho; da galinha, com que se faz a galinha de cabidela e a galinha cheia; e a do peixe de água doce, como o curimatã, que pode ser cozido ao molho de leite de coco ou assado inteiro no forno.

Os doces também tinham grande destaque. Segundo Rachel, “A mesa do Não Me Deixes sempre foi pródiga em doces, pois a dieta do nordestino é rica em açúcar” (QUEIROZ, 2004b, p. 88). Assim, são apresentados doces elaborados, em massa ou em calda, com

frutas da região, os bolos, como o de milho e o Luiz Felipe, além dos doces de “espécie”, feitos com especiarias (o cravo, o gengibre e a canela), como a espécie de gergelim e a de castanhas de caju.

O sabor, como é possível notar, está intimamente ligado às pessoas e aos lugares que queremos bem. Em Quixadá, na cozinha da fazenda Não Me Deixes, Rachel se transmutava em cozinheira, preparando as receitas degustadas durante a sua infância, porque o sabor está ligado ao gosto, às vivências e às lembranças.

No livro que ora exploramos com água na boca, Rachel, partindo de suas reminiscências, fundou uma geografia do sabor que entrelaçou a cozinha sertaneja e cearense às pessoas e aos lugares que lhe foram caros. Geografia que, via paladar, nos conduz ao entendimento mais estreito entre Rachel e Quixadá. Associando natureza, cultura e identidade às histórias e receitas que nos ofereceu, ela escreveu, simultaneamente, sobre si e sobre toda uma coletividade ligadas a um espaço-tempo particular (CAVALCANTE, 2019).

O segundo exemplo de patrimônio vivido já foi citado como um dos locais componentes de seus lugares biográficos: a Casa de Rachel de Queiroz. O que importa nela é o seu significado simbólico, a compreensão de que, em tal casa, uma das mais ilustres escritoras cearenses não só viveu, compondo ali muitas de suas mais importantes lembranças, como também escreveu alguns de seus mais formidáveis textos, transformados em romances, contos, crônicas, poemas.

Não obstante, por muito tempo, a casa ficou esquecida. Somente em meados dos anos 2000, após ouvir as lembranças e histórias de Rachel, depois reunidas em uma biografia sobre a escritora, Socorro Acioli resolveu procurar a casa do sítio. Assim ela conta a sua aventura:

Em nosso último encontro, Rachel falou para mim que a casa onde ela escreveu *O Quinze*, em 1929, deitada no chão com suspeita de tuberculose, ainda existia. Ela ainda me disse mais ou menos como chegar lá. Passei três dias procurando, seguindo as indicações (ACIOLI, 2005, p. 38).

Não percebi que as referências traçavam o mapa da lembrança daquela Fortaleza dos anos 30, tão viva na memória de Rachel de Queiroz, tão apagada pela amnésia crônica de que sofrem os seus conterrâneos. O bairro estava completamente diferente, agora chamava-se Henrique Jorge. Uma vez que eu não tinha uma referência atual de endereço, nome de rua, número, nada, o método de busca que escolhi foi seguir duas pistas da natureza: os restos do açude e os quatro pés de *Ficus Benjamin* plantados por sua mãe, Dona Clotilde.

[...]

Foi com surpresa e espanto que, ao dobrar na Rua Antônio Ivo, avistei as quatro árvores, agora de troncos gigantescos, raízes fortes, expostas e copas

frondosas. Duas delas estão no meio da rua, imponentes. A partir desse momento deixei de chamar aquele lugar de sítio do Pici e o rebatizei de casa dos benjamins (ACIOLI, 2010, p. 173).

O que um dia fora um sítio, hoje, está bastante diferente, restando praticamente a casa e os pés de benjamim. O importante é que a “descoberta” feita por Acioli propiciou novos tempos para a velha casa. Na data de 11 de janeiro de 2006, pelo Decreto nº 11.965, a casa foi tombada *provisoriamente* pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (FORTALEZA, 2006). O argumento para esse tombamento foi o valor simbólico e histórico-cultural que ela possui para os munícipes da cidade.

Somente em 2009, considerando o parecer elaborado por uma comissão de avaliação com membros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza (FUNCET) e da Universidade Federal do Ceará (UFC), foi a referida casa tombada *definitivamente*, pelo Decreto nº 12.582, de 15 de outubro de 2009 (FORTALEZA, 2009). Notemos, ainda, alguns aspectos que a comissão de avaliação levou em consideração para o tombamento da Casa de Rachel de Queiroz:

Pelo que se observa a edificação em tela não apresenta linha arquitetônica marcante que justifique a pretensão de tombamento. Porém, se o viés das concepções materiais não permite

defesa cabível para a preservação do bem, o mesmo não se pode dizer quanto à sua natureza imaterial. É que a noção de bem cultural para efeito de tombamento ganhou nos últimos anos outras dimensões. Além do valor histórico, podemos agregar ao bem edificado, os **valores de referências**, filiados ao conceito de **patrimônio afetivo**. Não se trata aqui de dissociar a natureza *material* da natureza *imaterial* do bem cultural, mas, antes de tudo, estabelecer as suas afinidades no sentido de determinar a potência das razões intangíveis que levam ao tombamento do bem construído considerando os **valores simbólicos** (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2009, grifo do autor).

Não fomos nós que destacamos as palavras na citação, contudo bem o poderíamos ter feito, pois, quando a comissão de avaliação escreveu sobre *valores de referência*, *patrimônio afetivo* e *valores simbólicos*, em realidade, ela estava tratando de elementos basilares para o sentido de lugar. Poderíamos dizer que os valores de referência são aqueles vinculados à memória, às lembranças de quem habitou o lugar, valores que o constituem como um patrimônio afetivo. Esse afeto, quando relacionado aos acontecimentos que se deram ali, revela o valor sentimental que a casa comporta e implica a valoração simbólica da mesma (CAVALCANTE, 2019).

As palavras de Ana Carla Sabino Fernandes, historiadora responsável pela sinopse histórica da Casa de

Rachel de Queiroz, resumem bem a importância da Casa e sua relação com a vida e a obra da escritora:

Cúmplice dos sentimentos, da indignação e dos lances de inspiração da nossa querida escritora, essa Casa é como um livro sem censura que deve ser lido, admirado, soletrado, apalpado e guardado, melhor, preservado como elemento de materialidade para o patrimônio histórico e cultural de nossa cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2007, p. 6).

Por último, e não menos importante, retornamos mais uma vez a Quixadá. Primeiro à fazenda Não Me Deixes, já tão citada por nós, não sem motivos. O apego de Rachel pela fazenda era tão grande que era para lá que a escritora fugia toda vez que o destino a feria mais duramente.

Toda essa ligação a motivou a preservar esse pedaço de terra como Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN), uma das reservas mais conservadas da caatinga cearense. Hoje, parte da fazenda Não Me Deixes, 300 hectares de um total de 928, é reconhecida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) como RPPN a partir da Portaria nº 37-N de 16 de abril de 1999 (IBAMA, 1999).

Nos idos de 2014, realizamos um trabalho de campo na referida fazenda e foi interessante como, logo na entrada, notamos a sua vegetação ainda natural, até

mesmo frondosa, característica da caatinga arbórea, típica da região semiárida. Chegando à casa da fazenda, presenciamos a tipicidade sertaneja de uma sala sem sofás, de um quarto cujas camas possuem armações para mosquiteiros e de uma cozinha com inúmeros potes de barro onde se conservava a água do açude ou das chuvas usada para beber e para cozinhar. Esses elementos nos revelam um pouco do acervo pessoal e cultural que também caracteriza a fazenda, o lugar onde a escritora teve as suas vivências sertanejas (CAVALCANTE, 2019).

Rachel também contribuiu para nosso conhecimento e afeição pela natureza sertaneja presente em sua fazenda na crônica *Os passarinhos*, do seu livro *O Homem e o Tempo*, na qual escreve a respeito dos cantos dos vários pássaros que “passeiam” por lá, como a graúna de canto cristalino que pousava debaixo de sua janela ou dos canários, “cantores líricos”, que faziam ninhos no frechal de sua casa (QUEIROZ, 1995b).

No ano de 2000, a escritora teve a honraria de receber em sua fazenda uma delegação do IBAMA que tinha como objetivo soltar 207 pássaros, entre os quais graúnas, corrupeções, canários-da-terra, sabiás, um azulão, seis caboclinhos e 51 periquitos.

Acho que mereci essa honraria, pois sempre foi preocupação minha, desde menina, soltar passarinho. Verdade que é meio arriscado: os donos dos passarinhos são capazes de tudo contra alguém que libere as suas presas. Mas a alegria de

ver voando um pássaro, antes confinado a uma gaiola, paga todos os riscos de represálias.

Para mim, o mais importante foi essa reputação que está ganhando a fazenda Não Me Deixes de área livre para passarinhos, santuário deles. Todos os pássaros apreendidos naquele sertão podem ser deixados no Não Me Deixes, pois que lá, como diz o jornal, “é a única Reserva Particular de Patrimônio Natural existente na Região” (QUEIROZ, 2000, n. p.).

Em se tratando de Quixadá, não era somente em sua fazenda que Rachel concentrava atenção. Ela tinha plena consciência da singularidade dos inselbergues que envolviam o Não Me Deixes e, por isso, também esteve à frente do esforço de preservá-los. Em uma crônica de 29 de janeiro de 1992, denominada *Um parque nacional dos serrotes do Quixadá*, publicada no seu livro *As terras ásperas*, Rachel já havia chamado a atenção para a ameaça que o crescimento da cidade e a exploração desordenada do granito poderiam proporcionar para aquela paisagem:

Há que encaminhar o crescimento urbano para fora da urbe. Mesmo porque a vizinhança dos serrotes não é propícia à vida urbana; nas horas quentes do dia, na proximidade das pedras, banhadas de sol, há um acúmulo de calor. E também na infinidade de cavidades de vários tamanhos que se enchem de água na estação chuvosa, abrigam nuvens das temíveis muriçocas

(ou pernilongos) que obrigam a se dormir embaixo de mosquiteiro, como no Amazonas. Com a única vantagem que as nossas muriçoquinhas são inocentes, não passam malária, nem dengue, nem febre amarela, como as lá do Norte.

[...]

Um perigo em que se deve pensar é a exploração comercial do granito, que já é uma das fontes de renda do município e precisa ser disciplinada e fiscalizada. É um granito excelente o dos *inselbergs*, e representa uma renda significativa nesta região de riqueza tão dependente das oscilações climáticas (QUEIROZ, 1993b, p. 193).

Foi a partir de iniciativas como a de Rachel que o Governo do Estado do Ceará instituiu o Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá, pelo Decreto nº 26.805 de 25 de outubro 2002 (CEARÁ, 2002). Unidade de Conservação de Proteção Integral, com 16.635 hectares, que, sob a responsabilidade da Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará (SEMACE), visa à preservação dos elementos cênicos e dos valores ecológicos ali existentes. Em 2004, parte da referida área também foi tombada pelo IPHAN (2001) como patrimônio nacional (CAVALCANTE, 2019).

A trajetória realizada até aqui demonstra, para nós, pelo menos dois caminhos interessantes ao pensamento geográfico interessado na literatura. Primeiro que

todos nós, e evidentemente os escritores, possuímos lugares diletos, lugares biográficos os quais contam, pouco ou muito, daquilo que somos. Nós, de certa forma, somos uma mistura de todos os lugares pelos quais passamos. Eles nos atravessam e extravasam, revelando-nos.

Segundo, e diante disso, no caso específico de Rachel, tais lugares biográficos foram tão importantes para a escritora que ela, no exercício de sua cidadania, decidiu, de algum modo, preservá-los, fosse por meio de sua escrita, contando ao mundo aquilo que viveu e mesmo comeu e bebeu, fosse por ações que, de fato, levaram alguns lugares a serem tombados ou instituídos enquanto patrimônios naturais ou culturais. Cabe pensar se, diante dessa consciência geobiográfica, seríamos capazes de nos aproximar mais apaixonadamente do mundo de modo a celebrá-lo e, por conseguinte, protegê-lo, tomando-o como nossa única base e destino. Fica para nós a lição deixada por Rachel de Queiroz.

SEGUNDA TRAVESSIA

Cristina Maria da Silva

Paisagens humanas e uma biografia romaneada em Rachel de Queiroz

Em suma, todos os segredos da alma de um escritor, todas as experiências da sua vida, todas as qualidades de seu espírito estão patentes em sua obra e mesmo assim precisamos de críticos e biógrafos para explanarem e explicarem uma e outra (WOOLF, 2003, p. 138).

Não é o indivíduo o que a biografia (ou a história de vida) revela. A biografia [...] pode revelar inflexões, diferença e, portanto, alteridade (KOFES, 2004, p. 15-16).

Entre a narrativa literária e a compreensão da vida social, é possível encontrar na biografia uma das dimensões para pensar o narrado e o vivido, um exercício para o entendimento dos entrelaçamentos das relações sociais e individuais. Seria uma das formas de pensarmos o próprio conhecimento que produzimos? Questionando as fronteiras do que é narrado, escrito e vivido? Na escrita se repete o vivido ou se vive o narrado? São essas inquietações que se tem colocado para nós no sentido de

pensar as dimensões sociais e antropológicas pela trilha das trajetórias, das narrativas e do romance.

Lidamos com rostos que nem sempre terão a mesma expressão e nem sempre são rigorosamente definidos na busca biográfica. Uma linha de descontinuidade atravessa o que pensamos, talvez porque as dimensões da vida sejam sempre uma busca. Diante de uma existência, podemos ter apenas algumas das perspectivas possíveis sobre o que ela seja, porém dificilmente saberemos distinguir totalmente a narrativa da experiência daquilo que foi, de fato, vivido. Considerando isso, como esculpir um rosto por meio de palavras? Como definir uma vida na junção de algumas delas? Aproximamo-nos da escritora Rachel de Queiroz (1910-2003), procurando compreender as suas palavras ditas e a poética da existência desvelada na sua prosa. Suas narrativas e o que de sua vida nelas aparecem grafadas.

Perante a obra de Rachel, tema de um trabalho mais amplo (SILVA, 2005), procurava, nos olhos dessa mulher e em sua escrita, a invenção literária de um lugar, “O Nordeste”, diante do qual toda uma crítica literária se debruçou na chamada literatura regionalista. No entanto, em seu olhar, desviamos-nos para o solo da condição humana. Acompanhando a sinuosidade de seus olhos reavivados pelas lembranças, encontramos a potência subterrânea do ser humano em seu desamparo e destino trágico. Mais do que as marcas de um território, denominado Nordeste, encontramos uma geografia pessoal marcando a configuração de uma obra literária.

Baseando-se nas metáforas *exílios*, *veredas* e *aventuras*, sua obra foi lida, a partir de perfis biográficos, entrevistas e romances da escritora, buscando compreender a paisagem humana que perpassou sua vida. Contudo, procurou-se também esboçar aproximações sobre o “romance da vida social” presente em sua literatura com as “genealogias da domesticação” (MAFFESOLI, 2001). São obrigações sociais e demandas silenciosas, mas, nem por isso, menos agressivas e traumáticas. “Narrativas invisíveis da cultura”, que podem ser observadas como inscrições das imposições sociais construídas pela linguagem e por seus signos, aprendidas em sociedades que tornam a realidade objetiva por meio de hábitos, rituais, comportamentos e funções exigidas dos indivíduos, porém fazendo-os apreendê-los subjetivamente (BERGER; LUCKMANN, 1973).

Observamos dois trabalhos de caráter biográfico sobre Rachel de Queiroz; o perfil biográfico esboçado por Hermes Rodrigues Nery e o livro *Tantos anos*, escrito por Rachel com sua irmã Maria Luíza de Queiroz, assim como consideramos ainda a leitura de seus romances. Os três movimentos com o intuito de experimentar um contar a narrativa sociológica por meio dos romances da escritora cearense.

Hermes Rodrigues Nery, natural de Curitiba, em *Presença de Rachel*, publicado em 2002, esboça o perfil biográfico da escritora, por meio de entrevistas realizadas entre 1988 e 1996, em encontros informais nas cidades

do Rio de Janeiro e São Paulo. Como a própria Rachel toma as tintas e escolhe as cenas das palavras que mais se aproximam das suas vivências, intercalamos essa narrativa com o livro *Tantos anos*, publicado em 1998, no qual sua irmã Maria Luíza de Queiroz, “testemunha constante de sua vida”, enfrenta o desafio de também conseguir que Rachel fale de si. É um livro escrito graças às insistências da irmã, no sertão do Ceará ou no Rio de Janeiro, onde as duas escreviam, discutiam, brigavam, durante quase quatro anos. Sobre *Tantos anos*, Rachel ressalta:

A romancista Rachel de Queiroz nunca estará retratada num livro de memórias. [...] Bom, são memórias, mas não são memórias temáticas, digamos assim. São recordações de infância entre mim e Maria Luíza. Por exemplo, eu digo ‘olha, naquela vez que nós fomos a tal parte’ e ela diz ‘não, não foi pra lá, segundo eu me lembro, foi pra outro canto’. É uma espécie de diálogo entre nós duas. Não há nada muito especial, não. É só a rotina da vida, as coisas, as pessoas. O livro não ficou pesado, não ficou difícil de ler, mas eu não conto nada de excepcional, não. [...] nós duas escrevemos juntas. Em geral, ela batendo, escrevendo, e tomando nota (ARAÚJO, 1998).

A configuração de uma experiência social singular

A expressão “perfil biográfico” parece pertinente, pois traz apontamentos e recordações sobre a vida da

escritora. Percorre uma “coleta de dados factuais sobre a jornada da personagem: suas ações, palavras, seus pensamentos, os lugares e rostos por meio dos quais se movimentou”. Entretanto, não realiza a travessia, pelo menos não na escrita, “de criação de uma relação imaginária ou ficcional entre o biógrafo e o biografado”, que não se trata de uma disposição de dados, mas de um contínuo e vivo diálogo, implicações de trajetórias (VILAS BOAS, 2002, p. 130). As entrevistas não deixam de ter a sua relevância para a compreensão dos fatos vividos por Rachel, porém não chegam a sugerir o que Gabriel García Márquez esboça quando diz que “é possível entrevistar alguém da maneira como se escreve uma novela ou um poema” (HERSCOVITZ, 2004, p. 184).

Rachel não se deixa revelar facilmente, pelo menos, não num primeiro momento, o que torna muito tênue a fronteira entre a dimensão biográfica e autobiográfica, pois não fala sozinha de si, apenas quando contracena com os seus personagens, e também não deixa que os outros escolham sozinhos as palavras que compõem suas trajetórias, leva-nos antes pelos labirintos do “talvez” e do “parece” (WOOLF, 2003, p. 206).

Em Suely Kofes (2001), em sua busca pela recomposição de uma trajetória por meio de narrativas, sabemos que os rastros de uma vida podem ser tênues no começo e densos depois. Afinal, a investigação sobre a vida de alguém e, por conseguinte, a escrita sobre ela, são tecidas por meio de indagações sobre uma

pessoa. Observar sua trajetória, o que atravessou essa vida, é observar o “processo de configuração de uma experiência social singular” (KOFES, 2001, p. 27). Experiência essa permeada por sombras, silêncios, territórios indevassados, memórias nem sempre reveladas, que sempre nos colocarão diante dos contrapontos da narrativa sobre a experiência e a experiência vivida.

Os rastros sobre a vida de Rachel, encontrados em suas entrevistas, perfis biográficos e em seus romances e crônicas, podem ser tomados como indícios das paisagens de sua vida e do que ela tomou de sua existência para sua construção romanesca. Como sinais, seus passos e rastros escritos, podem ser tomados como escalas do que é singular e das configurações sociais e culturais que ganharam forma em suas tramas e enredos literários. Os sinais são os pormenores, muitas vezes, negligenciáveis, zonas privilegiadas que revelam “um método interpretativo centrado sobre resíduos”, como abordará Ginzburg (1989, p. 149). Eles podem remontar elementos que nos ajudem a compreender uma experiência, pois acionam um “patrimônio cognoscível”, que nos permite questionar uma transparência da realidade, uma primazia do social sobre o individual e “remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152).

Seguir uma abordagem biográfica não quer dizer focalizar a reconstrução de uma vida, observa Suely Kofes, ao buscar compreender em sua pesquisa a

trajetória de Consuelo Caiado. Ao seguir os rastros de sua personagem, Kofes depara-se com o esquecimento em torno da escritora na história de Goiás, diante da eterna e latente lembrança de Cora Coralina, consegue encontrar, contudo, traços da história da cidade e da participação de Consuelo Caiado em movimentos políticos locais pelo progresso feminino. Em busca de uma trajetória, Kofes observa que um itinerário pode ser um caminho para um exercício etnográfico. Ao final de seu processo, ela observa:

Escrevo sobre o que pode ser construído, tecido através das indagações sobre uma pessoa. Esta referência, a pessoa Consuelo, nunca foi um pressuposto abandonado. Se ela se torna personagem nas narrações e se não atingi a verdadeira vida de Consuelo, também não a inventei (KOFES, 2001, p. 22-23).

Fazendo de uma intenção biográfica um exercício etnográfico, Kofes, ao olhar para a singularidade de uma vida, permite-nos observar as várias relações que a perpassam. O que se conta sobre ela, o que falam de si quando se referem a ela e o que é possível capturar dos valores, da política e da história local.

Ao observarmos Rachel de Queiroz, não temos a pretensão de reconstruir a sua experiência de vida, antes observar o quanto de suas experiências dialoga com seus escritos e como eles estão interligados com

a sua paisagem social e cultural, fazendo com que olhemos uma abordagem biográfica como uma trama de inúmeras narrativas tecidas. Uma “abordagem biográfica”, nos termos de Daniel Bertaux (1980), não é o mesmo que aceitar uma “ideologia biográfica”, ao contrário. Uma abordagem biográfica, ao recolher narrativas de uma vida, fará com que os marcos metodológicos e epistemológicos sejam constantemente questionados. “Precisamente, o que interessa ao sociólogo, neste caso, não é a vida como uma totalidade concreta e sim o significado que lhe é conferido *a posteriori*” (BERTAUX, 1980, p. 213).

Desvelando seus *Tantos anos*, Rachel afirma sobre as biografias e memórias:

É um gênero literário – e será literário mesmo? – onde o autor se coloca abertamente como personagem principal e, quer esteja falando bem de si, quer confessando maldades, está em verdade dando largas às pretensões do seu ego – a grande figura ou grande vilão. Mas *grande* de qualquer modo. O ponto mais discutível em memórias são as confissões, gênero que sempre abominei, pois há coisas na vida de cada um que não se contam. Eu, por exemplo, “nem às paredes do quarto as contaria”, como diz o fado (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 11).

Também por mais que haja um caráter ilustrativo dos romances, no trabalho de Nery, intercalando com

as falas, o texto não vai pontuando essas aproximações, antes apenas sugerindo ao leitor um possível mosaico dessa implicação de Rachel em sua obra ficcional. O texto parece se inserir numa vertente denominada “jornalismo literário”, ou nas palavras da própria escritora Rachel de Queiroz: “o gênero literário da entrevista”. Nery, ouvindo e interpelando a escritora, propõe-se a:

[...] captar aspectos do seu pensamento e sua visão de mundo, da sua experiência de vida e criação ficcional. Extraímos e inserimos trechos de sua obra que servissem de referência aos temas abordados. Aproveitamos algumas crônicas e passagens de sua ficção para ilustrar determinados pontos de vista da autora. As entrevistas não estão organizadas por ordem cronológica, propositalmente, porque nos interessou preservar apenas a fluência das idéias de acordo com alguns temas que estivessem, de uma certa forma, ligados com o universo literário e pessoal de Rachel de Queiroz (NERY, 2002, p. xix).

Esse aspecto literário, entre os jornalistas, é nomeado como “novo jornalismo”, uma outra maneira de expressar o relato jornalístico, praticada a partir da segunda metade do século XX, com tons ficcionais. Nessa prática, Gabriel García Márquez vê que o jornalismo mantém quem o escreve em contato com a realidade, o que é essencial para a literatura e, ao mesmo tempo, ensina-o a escrever, o que é essencial para a construção jornalística. “No jornalismo

é preciso apegar-se à verdade, ainda que ninguém acredite nela, enquanto que na literatura se pode inventar tudo, desde que o autor seja capaz de fazer com que o leitor acredite que seja verdade”, como alega Márquez (HERSCOVITZ, 2004, p. 192). Uma maneira de ampliar os horizontes da percepção, construindo cenas, reproduzindo diálogos, pontos de vista e relatos sobre a vida das pessoas, procurando:

Captar o real mergulhando no sensório, a fim de recriar e reproduzir, com a maior extensão possível, a vida de um personagem ou a amplitude de algum tema. Eles sentiam que não havia como retratar a realidade senão com cor, vivacidade e presença, tentando viver na pele as circunstâncias e o clima inerente a seus personagens reais (VILAS BOAS, 2002, p. 91).

A narrativa biográfica, em si, intercambia diversos saberes, metodologias e formas variadas, para fazer surgir “fatias da vida”. As implicações desse interesse de diversas áreas do saber pela biografia talvez sejam o fato de sua possível liberdade no contar, assim como também uma maneira de, a partir do individual, perceber os passos da vida social, suas marcas e transfigurações. O crescente interesse por esse tipo de leitura talvez já esteja na busca de se tecer leituras de si, entre similitudes e diferenças, diante da trajetória de vida de outrem. As biografias explicitam uma demasiada humanidade, onde se misturam perdas e ganhos, incertezas de um caminho ou percurso, que atraem e seduzem por serem:

Múltiplos traços, esboçando uma trajetória. [...] sombras, longos silêncios, intervalos obscuros, privacidade indevassada, que terminam por falar do que o tempo faz com a memória de uma vida, vislumbrando apenas o que seria a verdadeira experiência desta vida no tempo (KOFES, 2001, p. 22).

Mesmo estando próxima do ficcional, em alguns casos, a biografia não cria os seus personagens, seus enredos e destinos, o que a move são as narrativas de vida condensadas em fatos, recortes de uma vida. É uma:

Narrativa de eventos: todo o restante resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver os eventos. A literatura e o jornalismo também não o fazem ressurgir: o vivido, tal como salta das mãos do historiador, do jornalista literário ou do ficcionista, não é o dos autores envolvidos nos eventos, mas a vida dentro da narração (VILAS BOAS, 2002, p. 68).

O que é realizado por Nery traz elementos a mais para repensarmos a vida da escritora Rachel de Queiroz, para além dos encarceramentos interpretativos de sua trajetória e de seus textos, como limitar sua produção a um viés regionalista ou mesmo dizer que trata somente de uma literatura voltada à questão feminina, quando, na verdade, traz as dimensões da vida humana, em seu caráter mais universal.

As falas, presentes no livro de Nery, são trazidas aos leitores apesar das relutâncias da autora. Trata-se de registros de uma convivência, em formato de entrevista, que talvez se justifique pela própria aversão de Rachel quanto à revelação de suas memórias e mesmo em relação a uma possível construção de biografia. A resistência dela pode ser vista quando o entrevistador busca tecer articulações entre sua vida e as relações com os seus entes mais próximos, ela logo exclama: “Você está de novo querendo fazer a minha biografia... é melhor voltarmos à pergunta inicial...” (NERY, 2002, p. 36).

Como delinear uma biografia de quem foge de indagações sobre a sua própria história? Talvez escrever uma biografia seja como fotografar: escolhemos um ângulo e o ajustamos até capturarmos imagens que mais se aproximem do que tentamos registrar. Porém, sempre ficará algo de fora, uma paisagem bonita que estava do outro lado, uma palavra que não foi dita ou não conseguimos encontrar. O fascínio está exatamente nessa incompletude, nesse vazio que as palavras e as perguntas tentam preencher, afinal: “a verdadeira extensão da vida de uma pessoa [...] é sempre matéria discutível. Porque é difícil esse registro do tempo; nada o desordena mais rapidamente que o contacto com qualquer das artes” (WOOLF, 2003, p. 203).

Lapidar um rosto é esboçar “biografias do ser” (WOOLF, 2003), uma busca por retratar “paisagens interiores” que se tecem nas palavras e nos gestos. A

realidade vai sendo como um conjunto de “narrativas tecidas” (KOFES, 2001), diante das quais a vida vai se desvelando. Narrativas de quem viveu, de quem ouviu relatos, de quem tentou biografar e de quem lê, diante das quais, como expressa uma das personagens de Rachel, Maria Moura, “cada pessoa acredita no que quer e passa adiante o que entende” (QUEIROZ, 2007, p. 487).

Em nossa leitura e em nossa tentativa de esboçar as figurações de uma escritora em palavras, de certa maneira, aproximamo-nos das impressões de Jacques Le Goff, (1999, p. 788) sobre a biografia de São Luís. Pondo a história em diálogo com outras ciências, Le Goff nos leva a pensar sobre as relações e tensões do indivíduo com a sociedade e conduz a ciência dos porões ao sótão, questionando o próprio fazer historiográfico. Diante de sua leitura biográfica, observamos como podemos nos tornar próximos, pela leitura e pela investigação, de quem tentamos descrever, seja pela leitura de suas obras ou pelo que disseram. Inesperadamente, depois de um tempo, deparamo-nos íntimos, nutrindo sentimentos como por alguém muito próximo.

No caso da escritora cearense, realizamos essa travessia de narrativas, construindo essa relação de intimidade, reconstruções e releituras. Antes, ouvimos um pedido seu, ao que parece comum, aos que com ela teciam uma ‘prosa’: “Por favor, me trate de você e me chame de Rachel” (MENEZES, 1998). Por meio delas, seguimos seus possíveis rastros.

Talvez possamos desenhar presenças, tal como as vemos ou imaginamos, ou mesmo quando consideramos nossa linguagem apenas como uma tentativa de dar sentido ao que vemos. Trilha sempre fugidia, plena de mãos vazias, entretanto não menos arrebatada de vivências. A experiência é um evento linguístico. Somos seres de linguagem, incluímos ou excluimos, no que falamos, estudamos, escrevemos ou pensamos. O exercício da linguagem é permeado de presenças e ausências. Não há como separar experiência e linguagem, pois “experiência é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação” (SCOTT, 1999, p. 48).

Diante da leitura de uma vida, o que temos são encontros de narrativas: de leituras, de experimentação das palavras e de transfiguração dos sentidos da vida na escrita. Deparamo-nos com a ideia de que “toda verdadeira vida é experimentação, ninguém escapa” (LISPECTOR, 2005, p. 97).

Na escrita, está uma tentativa de esboçar traços singulares do humano, escrevendo e inscrevendo textos únicos, marcados pela ousadia de olhar a vida e de contá-la. Uma maneira de animar o que é humano pela escrita, assim, a arte do biógrafo consiste justamente na escolha dos traços humanos que irá ressaltar (SCHWOB, 1997).

O traçar do biográfico não tem fim, é uma estrutura narrativa que não segue a cronologia de uma vida. Aliás, a própria vida escapa da cronologia dos anos, somos tantos rostos diante dos outros, são tantas horas

de pessoas, tanta coisa recruzada dentro e fora de nós. Quanta coisa nos escapa? Quanta coisa não fugirá dos olhos de quem tenta ler uma vida? Aceitar essa fugacidade na história de uma vida talvez seja aceitar seu nomadismo, percebendo que:

Não há um verdadeiro biografado, apenas complexos pontos de vista sobre ele. O biógrafo assume que privilegia alguns destes pontos de vista, mas os privilégios são aleatórios, baseados na própria viabilidade de acesso às informações. Tudo o que temos são lacunas, e elas são infinitas (PENA, 2004, p. 85).

O método biográfico tem uma proximidade com a faina do romancista, pois coloca seu personagem num processo de desmontagem e também de criação, refaz cenários, pontua entre as fontes “efeitos do real”. Porém, lida-se também com um vazio, visto que “uma biografia não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber de um personagem” (LE GOFF, 1999, p. 22). Ela também lida com o descontínuo e com os silêncios, com a fuga dos olhos e das palavras. Perscruta veredas que se bifurcam, buscando saber o que o outro criou diante de tudo o que lhe aconteceu, como metamorfoseou sua existência (SARTRE, 2002). Contudo, também desvela que “a vida de uma pessoa não é o que lhe aconteceu, e sim o que ela lembra e como lembra” (MÁRQUEZ *apud* VILAS BOAS, 2002, p. 7). Em suma:

O cumprimento do primeiro dever de um biógrafo, [...] é caminhar, sem olhar para a direita nem para a esquerda, sobre os rastros indelévels da verdade; sem se deixar seduzir por flores; sem fazer caso da sombra; [...] expor os fatos até onde são conhecidos e depois deixar o leitor fazer com eles o que puder (WOOLF, 2003, p. 45).

A crônica de uma vida

A perspectiva de uma “fragilidade de um eu” foi em todos os tempos perceptível na literatura, como nos lembra Maffesoli (1996, p. 303-304), “O romance, a poesia, as memórias ou os ensaios biográficos apóiam-se na incerteza. [...] A acuidade da sensibilidade artística sempre intuiu o caráter movediço da individualidade humana”. Ao narrar a existência de alguém lidamos com a ilusão da cronologia, a dimensão temporal e com fragmentos que nos permitem ler ou que se identificam com a nossa própria história. Ao narrar a vida de Rachel, “nós apenas copiamos as suas palavras como são faladas, acrescentando, entre parênteses, o eu, que, na nossa opinião, está falando, mas é bem possível que estejamos cometendo um erro” (WOOLF, 2003, p. 206).

A escritora nasceu em Fortaleza, Ceará, em 17 de novembro de 1910, e faleceu no dia 4 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro, como já sabemos. Rachel conta a sua vida por meio de sua obra literária: romances, crônicas, peças teatrais, textos infanto-juvenis, livros

didáticos, traduções e diversas contribuições com os amigos (e para eles): José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Lygia Fagundes Telles, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Antônio Callado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Ariano Suassuna, entre outros. Em uma entrevista, a escritora declara: “Mesmo sabendo que somos sós no mundo, precisamos da convivência com o outro” (NERY, 2002, p. 48). E mais “precisamos de amigos de acordo com os diferentes ângulos de nossa existência” (NERY, 2002, p. 89). Tinha laços de amizade com Mário de Andrade, Pedro Nava, Daniel Olympio, Aurélio Buarque de Holanda e muitos outros. Essa era sua rede de contatos e afetos no universo da literatura. A vida de Rachel é como uma “crônica dispersa”, e sobre esta prática literária ela afirma:

Sou uma contumaz usuária do gênero, só na “Última Página” da revista *O Cruzeiro* fiz crônicas durante trinta anos cravados: do início de 1945 até quando a revista fechou, em 1975. Será talvez a crônica o gênero literário mais confessional do mundo. Pois o cronista, quase invariavelmente, tira o tema dos comentários que faz do seu próprio cotidiano, ou assunto do dia no país, na cidade, no seu bairro. Até da sua casa, da sua estante de livros. Quando vêm me importunar com a exigência (que eu detesto) de escrever as minhas memórias, a

resposta que dou é sempre a mesma: quem quiser saber a biografia, leia as minhas crônicas. Pela data e local de cada uma, já há uma informação. E tudo o que comento, que exploro, foi tirado do meu dia-a-dia: o menino que me trouxe uma flor, o espetáculo de teatro a que assisti, as memórias de infância, as lembranças e apelos do Ceará, sempre cantando no sangue. E os fatos políticos, já que sou um animal político, sempre me interessam apaixonadamente por tudo que acontece nessa área, seja na minha província, no meu município, no país ou no resto do mundo. Também os sentimentos, angústia e esperanças, alvoroços do coração, saudades, perdas, promessas, e alegrias, tudo isso aparece na crônica, aberta ou disfarçadamente – compete ao leitor inteligente desvendar nas entrelinhas. Ou constatar a frase aberta (CUNHA, 2005, p. 444).

Sobre a trajetória de Rachel de Queiroz, ela tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, em 4 de novembro de 1977, sendo a primeira mulher a ingressar na instituição. Como observa Eleuda de Carvalho, a “primeira imortal de saias” (CARVALHO, 2002, n. p.). Para Rachel, ninguém melhora ou piora a qualidade literária ao passar a frequentar associações, afinal “a arte é só o corpo a corpo entre você e a criação. Aquele duro combate entre a idéia e a transposição ao papel” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 209).

A escritora teve também atuação política, no movimento comunista, contra o Estado Novo e Getúlio Vargas, e existe uma série de críticas ao fato de ela conhecer os generais na época da ditadura, como Castelo Branco, por exemplo. Seu livro *João Miguel* foi a obra que marcou o seu rompimento com a militância no partido, por terem ameaçado sua autonomia e liberdade intelectual. Queriam que ela mudasse a trama, contudo ela recusou, pois dizia não acreditar em literatura engajada, para ela, isto seria um sermão, não Literatura. A seu ver, era possível fazer um esforço e expressar seus sentimentos políticos, apenas com talento, sem pregar nada. Declara que “não era partidária de ninguém, era mesmo franco-atiradora” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 146).

Dizia-se uma pessoa profundamente marcada pelos acontecimentos de sua vida, talvez por isso só voltasse a eles com a grande insistência dos amigos, da irmã, enfim, precisava de companhia para retomá-los e refazer o tecido desfiado. No entanto, confessa para Nery que, quando existe esse compromisso de contar as suas memórias, a pessoa dificilmente se expõe, pois, na realidade, o que se faz é tentar “justificar as coisas que se fez e no fundo fazendo uma maquiagem do que se foi” (NERY, 2002, p. xv).

A leitura sempre foi algo presente no seu cenário familiar, “todos respondiam às suas perguntas” (NERY, 2002, p. 41). Recebeu das mãos de sua mãe as primeiras leituras do mundo, pelas lentes de Machado de Assis, Eça de Queiroz e Balzac. Outra grande influência virá

pela avó paterna. Desta, Rachel de Queiroz herdou não somente os traços literários como também o nome e o sobrenome. Tornou-se a “Rachelzinha”, e estar no espaço de sua avó, segundo ela, era como estar no paraíso. Sobre sua formação, ela afirma:

Nunca fiz e nunca me interessei por curso superior. Embora na minha época já houvesse mulheres formadas, médicas, juízas, eu era a total autodidata. Toda a escolaridade que tive foi de junho de 1921 a novembro de 1925. Contudo eu lia muito. Mamãe tinha uma biblioteca muito boa e tanto ela quanto papai me orientavam nas leituras. Quando eu era adolescente, eles liam para eu ouvir, faziam mesmo sessões de leitura; e quando chegavam os pedaços mais escabrosos, de Eça, por exemplo, discretamente pulavam e disfarçavam (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 30).

Das mãos maternas, começou a alcançar os livros de Machado de Assis: *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia*. Machado se tornou, então, para ela, o seu “ídolo, seu deus literário” (MENEZES, 1998). Depois passou para *As Cidades e as Serras*, de Eça de Queiroz. Todavia, a jovem leitora também lia livros da *Collection Rose*, “literatura para moça”. Claro que até ser surpreendida pela mãe, que trocou o livro por Balzac. A seu ver: “essa biblioteca *rose* só falava de sexo” (ARAGÃO, 1998, p. 107). Em relação a esse momento, ela afirma: “Eu ainda escuto no coração as passadas de meu pai nos ladrilhos do

alpendre, o sorriso de mamãe abrindo a janela do meu quarto, manhã cedo: ‘Acorda, literata! Olha que sol lindo!’” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 79).

A casa da avó paterna foi uma de suas influências literárias, de sua estante, tirava romances da literatura francesa e portuguesa e exercitava a arte da oralidade, pois sua avó gostava de que as netas lessem para ela, em voz alta, traduzindo as obras diretamente. Aos 12 anos, já lia em francês. O livro considerado, pela autora, como mais importante era o “*Flos Sanctorum* ou Coleção de Vida dos Santos”, que aparecerá nas mãos de uma de suas personagens, *Dôra, Doralina*.

A presença do pai, com quem ela se parecia muito, foi imprescindível, no apoio durante toda sua vida, no incentivo durante a publicação de seu primeiro livro, nas vezes em que teve que tirá-la da prisão por se envolver em algum movimento político. Tinha, segundo Maria Luíza, uma paciência infinita com “doidos, bêbedos e chatos em geral (qualidade, ou melhor, característica, pois não sei se isso é qualidade, que Rachel herdou sem tirar uma vírgula)” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 82). Dele também recebeu como herança a fazenda *Não me Deixes*, localizada em Quixadá, no sertão do Ceará, seu abrigo. Ela diz que:

E eu era dessas filhas idólatras, achava papai insuperável. [...] era então nosso costume todas as noites nos deitarmos nas redes do alpendre, e papai me contava histórias. Foi então que

aprendi muita coisa de história e geografia. Os reis de Portugal, da França, as guerras antigas. Às vezes também ele recitava poesias. E eu gravava tudo, tinha uma memória infernal. Em *As Três Marias*, como despudor que caracteriza o romancista, eu aproveitei, com o pai da Guta, muitas dessas minhas lembranças com papai. Embora mamãe talvez fosse mais inteligente, especificamente mais letrada, com melhor gosto literário do que papai, ele teve muito mais influência sobre mim durante a minha infância: no Pará, na serra, no Ceará. Minha primeira formação foi obra mais dele do que dela. Contudo, essa minha fala da sobriedade no escrever devo mais à influência de mamãe, pois papai era um gongórico, gostava de ditos de efeito, era um ruibarbosiano. Nunca o acompanhei muito nas suas preferências. Só um pouco, quando ele lia *Eça*, *Guerra Junqueiro*. Quando comecei a escrever ele tinha muito orgulho de mim, mas não me lembro de nenhum comentário seu. De mamãe, me lembro de milhões de comentários. [...] ele me aceitava tal e qual [...] nunca houve entre nós uma troca de críticas, opiniões. Não me lembro. Com mamãe era constante (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 96).

Rachel foi casada com José Auto, um funcionário do Banco do Brasil, com quem ela teve uma filha, em 1933, chamada Clotilde, que faleceu no mesmo ano em que seu irmão Flávio. Separou-se e conheceu Oyama, que era médico e que, para ela, assumiu as atitudes de

seu pai, sem nunca ter visto como ele agia. Oyama apaixonou-se por sua fazenda, juntos levantaram a casa. Com ele, ela viveu:

[...] uma experiência ímpar de uma relação amorosa intensa e consistente. Morreu em 1982. [...] A sua perda foi uma mutilação. É uma parte de mim que se foi, uma parte vital. Saudade não é a palavra certa para o que sinto, mas falta, a falta de alguém que me fez conhecer o valor da experiência amorosa. [...] fomos casados durante 42 anos. Nós vivemos, de fato, uma solidão a dois. Fazíamos longas viagens sem falar com ninguém (NERY, 2002, p. 91).

Para ela, “a sensação de perda é mesmo uma das coisas mais tristes da vida” (NERY, 2002, p. 44). Dizia só não perdoar uma coisa em seus amigos: muitos deles terem morrido antes dela. Fala também muito de seus irmãos, Flávio (já mencionado), Luciano (que morreu com 28 anos), Roberto (falecido em 1995) e Maria Luíza.

Na realidade, em sua visão, famílias, a natureza as faz, contudo a gente as arruma ou organiza. Rachel teve irmãos que eram tios; quando pequena, era cuidada pela avó materna, que tem o mesmo nome de sua irmã, Maria Luíza. Esta, por sua vez, transformou-se em sua filha, e seus sobrinhos, conseqüentemente, em seus netos.

Nas palavras de sua irmã Maria Luíza, “Rachel era novidadeira. É, e sempre foi. Toda a vida fez coisas diferentes do que se esperava, diferentes do que os outros

fazem, sem aceitar conselho e sem ligar para a opinião de ninguém” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 71). Mesmo quando estava longe, eram suas cartas para sua mãe que “lidas em voz alta, nos traziam as cores de outros mundos e, num paradoxo, nos ancoravam no cotidiano” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 90). Continua: “Embora a presença física de Rachel pouca apareça em certas fases da nossa vida, sua influência, por mais longe que ela estivesse, era forte e definitiva” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 89).

O romance biográfico

Muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser “bio”. Escrevo ao correr das palavras (LISPECTOR, 1998, p. 33).

Se há quem aborde sua obra dizendo que, em termos de escrita, ela não fez nada que a imortalizasse, como uma Clarice Lispector, é importante salientar que a escritora Rachel de Queiroz ousou transformar em prosa o seu cotidiano, com todos os seus cárceres e veredas. Não escapou ileso, mas soube transformar em palavras as marcas do vivido.

Segue pela vida, sem poses de ilusões sobre o que faz. Nem mesmo a religião é um refúgio, um manto e uma bandeira para Rachel, ela é uma estrangeira de si mesma. E comenta: “Esta questão de fé é muito complexa. Eu nunca tive isso. Não romantizo a vida. [...] eu

sempre vivi numa grande solidão” (NERY, 2002, p. 57). A escritora brinca que Dom Hélder tinha muita esperança que ela se convertesse ao conhecer Roma, entretanto, expressa Rachel: “nunca estive tão longe de Deus quanto em Roma. Porque lá, aquela massa de riquezas, aquelas igrejas suntuosíssimas, o peso monumental da Igreja de São Pedro, afastam a gente de qualquer idéia de espiritualidade” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 151).

O cenário de sua escrita é o de um mundo sem deuses, no qual os seres se confrontam desamparados diante da tragicidade cotidiana, ou seja, mundo no qual não há solução para os conflitos, porém uma aceitação diante do que é. Sobre esse desamparo humano, Rachel ressalta: “É muito ruim isso, não ter uma crença, porque nas fases ruins você não tem em que se apegar. Tem que se encolher em si mesma e agüentar a pancadaria” (MENEZES, 1998).

Declarava sentir um grande “desamor à sua obra”, não gostar de escrever crônicas – algo que fez praticamente sua vida toda – e ser penoso escrever um romance. Comentava não reler nenhuma de suas obras e dizia até detestá-las. “Escrevo porque é minha profissão, é o que sei fazer. Se eu morrer agora, você não encontra uma página inédita aqui. Eu só escrevo por obrigação. Sou muito preguiçosa” (ARAÚJO, 1998).

Talvez por isso fale tão frequentemente das agruras de escrever, pois a sua escrita se encarna em seu cotidiano, seja na crônica ou no romance. Cada palavra

nasce entre as cenas de sua vida, transfigurando dor e alegria, inscrevendo sua existência na escrita de um universo coletivo, este, por sua vez, escrito em sua escritura.

As marcas doídas das palavras configuram narrativas de ganhos e perdas. Suas mãos tentam tecer a vida mesmo transpassada pelos lutos e melancolias que tomam conta de sua escrita. Nela são impressas as próprias perdas por ela enfrentadas numa vida que é, como indica sua personagem Doralina, “toda um doer” (QUEIROZ, 1992, p. 9). Segundo Rachel:

Escrever, para nós, é ofício, e ofício penoso. Diariamente, como uma fera, a dentuça máquina de escrever está aí para nos devorar o surrado miolo – é o artigo para entrega, é o livro, a peça, a tradução, – sei lá! Raro, raríssimo o dia em que um compromisso de entrega não nos amarra ao pé do malfadado instrumento – e enquanto os outros tomam banho de mar, ou vão ao cinema, ou batem papo nas livrarias, nós ficamos blá-blá-blá, no teclado, espremendo o juízo, inventando assunto, suando sangue. E assim, [...] temos que enfrentar os nossos dois grandes problemas: tempo e dinheiro. Precisamos de um para ganhar o outro. Somos simples artesãos, temos uma vida dura e trabalhosa, pois quase sempre acumulamos o ofício de escrever, já de si ingrato, com as outras lutas mais ou menos duras da vida cotidiana (CUNHA, 2005, p. 443).

Seus personagens, em suas “migrações diárias” pelo cotidiano, talvez herdem algo dos personagens cervantinos, sendo “leitores explícitos de si mesmos” (BARBOSA, 1999, p. 56). Seres que se percebem apenas num “invólucro chamado corpo” e contando apenas com a coragem, cercados por tramas de traições, sujeições, desejos insatisfeitos de felicidade e instantes eternos de fuga. Exilados pelas convenções sociais, em seus relacionamentos, não abandonam o desejo de serem “errantes”, mesmo conhecendo os medos da vida. Viajantes que nos fazem observar o quanto os seres humanos são passageiros nessa aventura que é a vida. Desbravam e seguem “marchando pela vereda estreita” (QUEIROZ, 2007, p. 478), e, em suas figurações, encontramos os passos de Rachel.

Creio realmente ser uma boa memória a qualidade básica do romancista. Memória para os fatos, memória da vida, principalmente memória de si mesma. Ir enrolando a meada enquanto vive, para desenrolar enquanto escreve. Naturalmente que há o comentário pontuando as lembrança se há escolha [...] disfarces mascarando as recordações. E há a linguagem, que é a *mise-en-scène*. Mas memória, memória do consciente e do inconsciente, lembranças acumuladas, imagens, recordações – isso tudo constitui matéria prima (CUNHA, 2005, p. 443).

Sobre a possibilidade de a escritora aparecer retratada em memórias, ela mesma responde: “Não, nem

estará nunca. Porque pra que é que a gente escreve um romance se não para botar as coisas que você não quer botar no papel pessoalmente?” (ARAÚJO, 1998).

Em seus romances, encontraremos as marcas de suas ausências, nas ações de suas personagens, um pouco de seus desejos. Ela mesma retoma essa ideia: “Minhas mulheres são danadas, não são? Talvez seja ressentimento do que não sou e gostaria de ser” (CHIAPPINI, 2002, p. 157). Na ficção da autora, ela encena com Conceição (*O Quinze*, 1930), diante da seca, com Santa, que enfrenta a prisão de seu companheiro (*João Miguel*, 1932), Noemi (*Caminho de pedras*, 1937), Guta (*As três Marias*, 1939), Doralina (*Dôra, Doralina*, 1975), com Nazaré (*O galo de ouro*, 1985) ou Maria Moura (*Memorial de Maria Moura*, 1992), personagens que narram suas vidas, na companhia de alguém, sozinhas, em sua terra ou bandoleiras, traçando seus destinos e, ao mesmo tempo, arrebatadas por ele. Rachel aponta: “a gente acaba pondo tudo o que é nosso lá... tudo acaba saindo transfigurado... mas está lá [...] Sou nada mais que uma contadora de história dos dramas humanos” (NERY, 2002, p. 106).

Conceição, professora, contemplava a seca no Ceará e não tinha ilusões quanto ao amor e dizia alegremente ser uma solteirona. Vivía na companhia de seus livros, por meio deles desvela o mundo sem sentimentalismos, apenas na sua prosa enxuta e, muitas vezes, oposta aos nossos desejos. Os livros “eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhes saborear um pedaço

aqui, outro além, no decorrer da noite. [...] casos de heroísmos, rebeliões e guerrilhas”. Às vezes, resmungava: “Está muito pobre, essa estante! Já sei quase tudo decorado!” (QUEIROZ, 2020, p. 18). Indagada pela avó sobre por que precisava ler, a personagem responde: “Leio para aprender, para me documentar... [...] quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais...” (QUEIROZ, 2020, p. 132).

Com Santa, acompanha a dor do cárcere de seu companheiro, João Miguel, mas a personagem ao mesmo tempo não pensava que devesse se sentir amarrada a ninguém como se fosse “uma negra cativa”. João Miguel, pensando alto no texto, exprime: “pretendia prendê-la, a ela, tão livre, que tinha a rua aberta na sua frente e todos os homens do mundo se quisesse... Quem é que não quer uma cabocla nova, jeitosa como Santa?” (QUEIROZ, 1957, p. 193).

Noemi, diante das repetições cotidianas e dos desgastes de seu casamento, descobre a dimensão política nas pequenas coisas do dia a dia e a possibilidade de se apaixonar por outro homem, no movimento comunista.

Sentia-se com a cabeça cheia de histórias novas, de mulheres heróicas, livres e valentes. Esquecida, naquele momento das contingências da sua vida, da disciplina doméstica, da cama comum, da promiscuidade e dos compromissos com alguém. Era apenas uma alma livre, ouvindo

a história de outras almas livres. Fugira do seu centro habitual de gravidade, perdera a noção do pão nosso de cada dia. Naquele momento, nada era moral nem imoral, nada proibido nem permitido; não havia hora, não havia espaço: só a embriaguez do momento de revelação, das possibilidades de libertação. Sentia que confusamente vinham à tona, naquele instante, todos os seus sentimentos e desejos sufocados desde pequenina, que se tinham enquistado lá dentro, bem fundo – porque se envergonhava deles, porque lhe diziam que era pecado, mas agora se mostravam estranhamente nítidos e atuais, atropelando-se uns aos outros, desiguais, reabilitados, novíssimos (QUEIROZ, 1957, p. 281).

Há, entretanto, nessa obra, também o fato de as personagens verem a vida ser regida por algo mais forte do que elas, algo irrevogável: “Nem valia a pena pensar e querer dirigir a vida. Tudo vai acontecendo por si. Não adianta fazer um plano, traçar caminhos. A vida tem lá os seus motores escondidos e eles é que governam tudo” (QUEIROZ, 1957, p. 327).

Guta, nas clausuras cotidianas de um colégio interno, no qual também Rachel estudou, não acreditava direito em nada, a crença parecia uma “casca exterior”, tendo, como maior ato de fé, somente a sensação de se sentir devota, como se encarnasse um papel. Deixou de crer porque deixava de orar e, quando isso acontecia, deixava então de sentir seu personagem em cena e

não conseguia representá-lo (QUEIROZ, 1979, p. 63).
Desejava apenas viver:

[...] uma vida complexa, onde as criaturas realmente existem, amam, sofrem, morrem, não sabem o que é passar a vida sentadas a uma máquina escrevendo fichas, fichas, batendo relatórios que os outros escreveram, coisas vis e sem humanidade, palavras que não têm existência real e não têm conteúdo, que não designam nada, senão as relações absurdas de gente que é apenas uma fórmula ou um título (QUEIROZ, 1979, p. 61).

Doralina tece sua vida nas relações com a sociedade, a terra, a migração, os homens e o tempo. Neles estão os laços entre o Ceará e o Rio de Janeiro. Segundo sua inventora, Doralina é sua “personagem mais complicada”, a narração de sua vida não é linear e sim tecida nos espaços da solidão, das traições, das lembranças e do luto. Sente que, na vida, dor e alegria se gastam com o tempo. Aprendeu a tirar o luto para realizar suas viagens, toma consciência de seu corpo, não como coisa alheia e depósito da vontade dos outros. Diz: “Já agora o corpo era meu, pra guardar ou pra dar, se eu quisesse ia, se eu não quisesse não ia, acabou-se. Era uma grande diferença, para mim enorme. [...] O importante era saber que dependia só de mim” (QUEIROZ, 1992, p. 118).

Ela conhece a dor da perda do homem que amava e pensou que se enterraria com ele, porém não se enterrou

nada e percebe que a gente não se enterra na cova de ninguém. Rachel de Queiroz também conhece o luto. Ao falecer, em 2003, não é enterrada no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras (ABL), mas no cemitério São João Batista, em Botafogo, no Rio de Janeiro, ao lado marido, Oyama Macedo, falecido em 1982, com quem viveu 42 anos. No romance *Dôra, Doralina*, lemos:

Fiquei por aí, dormindo sozinha, comendo sozinha, andando à toa pelo meio dos outros, boiando na corrente como uma casca seca. E passados os dias piores do choque, eu olhava tudo em meu redor como casas e gente de uma cidade estrangeira, e ouvia a língua do povo como uma língua estrangeira, e o meu instinto só me pedia para ir embora, voltar pra longe, onde a dor que me podia doer era uma dor que eu conhecia, não aquela dor de abandono, naquele lugar que para mim só tinha sido ele, só dele e nada mais (QUEIROZ, 1992, p. 235).

Nazaré, personagem do livro *O galo de ouro*, tem como cenário o mundo carioca, a Ilha do Governador, onde Rachel morou. Nele temos a presença de mães-de-santo, policiais, bicheiros, seres humanos em seus sofrimentos e angústias cotidianas. Nazaré encarna o lado diabólico da mulher, pois não tem o jeito comportado, sincero e direitinho que Mariano, seu marido, esperava. É inquieta, trai, entrega-se à liberdade que a impele e abandona o cárcere de desencanto da vida em comum.

Maria Moura “tinha loucura por conhecer esse mundo” (QUEIROZ, 2007, p. 65), “procurava só respirar bem fundo e tomar o cheiro daquela liberdade” (QUEIROZ, 2007, p. 81). Como Doralina, ela aos poucos percebia que “estava livre de tudo, sem casa, sem dono, sem família, e daí? Pelo menos ninguém lhe botava o pé no pescoço” (QUEIROZ, 2007, p. 124). Contudo, considerava que “A cada hora se perdia o rumo, porque se tinha que andar ao capricho das trilhas e não se sabia bem para onde botavam; e às vezes se afastavam demais do nosso rumo norte-poente” (QUEIROZ, 2007, p. 234).

O “vácuo da maternidade impreenchida” (QUEIROZ, 2020, p. 156) perpassa Rachel e suas personagens, pois praticamente todas sentiram a dor da perda de um filho. Em seus relatos, encontramos essa relação de perdas e ganhos tecida com o mundo a partir do ventre. Nele são gerados os prazeres, o gozo de existir, no entanto também é nele que se escondem as sombras do desamparo e do vácuo que a cultura e a sociedade não preenchem, mesmo com suas promessas e ficções cotidianas para os seres humanos. Nada lhes garante consolo e perfeição. Doralina chega a dizer que, se tivesse tido uma filha, teria colocado o nome dela de Alegria!

Suas personagens atravessam as tempestades da vida e precisam se refazer. Em relação a elas, Rachel afirma: “A gente sempre se põe no lugar da personagem” (ARAGÃO, 1998, p. 112). Entendemos que, mesmo que apareçam as marcas de uma narrativa construída em

primeira pessoa, não significa dizer que esta seja autobiográfica. Ainda que encontremos vestígios marcantes da autora, o vivido e o inventado misturam-se. Segundo Rachel, em todos os seus personagens, está a sua experiência de vida e afirma:

Se eu fosse a Dôra faria aquilo, se eu fosse a Maria Moura eu faria aquilo... Mais ou menos isso. Agora o meu romance mais autobiográfico é *As Três Marias*. É meu mais autobiográfico [...]. Não tenho muita imaginação, de forma que uso muito a realidade, que vou transformando diante da máquina de escrever (ARAGÃO, 1998, p. 113, 225).

Assim, “o tempo ia passando, devagarinho, dando trabalho, marcando as pessoas” (QUEIROZ, 1986, p. 158), e as experiências de vida de Rachel vão se misturando às ações de seus personagens, principalmente, nas atuações das mulheres. Narrativas de vida reais e ficcionais que desaguam num rio de perdas e ganhos de nossa humanidade sempre ameaçada. A escritora revela uma ausência que perpassa o labor de suas construções romanescas:

Sempre senti que às minhas histórias faltava essa coisa básica do romance que é o enredo. Um sistema compacto de narrativa, tal um rio no seu curso. Comigo é como uma paisagem de lagoas: poça de água aqui, poça de água ali, tudo salteado, descombinado, sem continuidade – e

(sic) mormente sem a força de corrente que o rio tem. Água parada (ARÉAS, 1997, p. 97).

Na obra de Rachel, deparamo-nos com a força das fatalidades, como também com personagens que recriam suas cenas de vida, mesmo que, em alguns momentos, sejam paralisados pelas imagens de “águas paradas” do trágico. Personagens seguem construindo suas vidas, carregando em si uma “lucidez melancólica e impotente” (QUEIROZ, 1957, p. 97). Encontramos Rachel, em seu “ângulo feminino e pessoal” (HOLLANDA, 1997, p. 114), como sujeito da narrativa, como também vamos encontrando, nas palavras e nas encenações de seus personagens, os enredos da trajetória humana. Vemos Rachel, seus muitos nomes e atuações. Diante disso, pensamos nas palavras de Graciliano Ramos, quando afirma que só podemos escrever o que somos, e, se os personagens que compomos se comportam de um modo diferente, isto quer dizer que não somos um único ser (RAMOS *apud* VILAS BOAS, 2002, p. 7).

Nas lembranças de Maria Luíza de Queiroz, sua irmã, vemos Rachel atravessada também por essas fatalidades, pelo luto e por essa dimensão trágica da vida. Ela relembra em *Tantos anos*:

Rachel, grávida, desembarcou da lancha, junto com Roberto, subindo com dificuldade os degraus da ponte metálica. Vinha com um costume largo, cor de salmão, o cabelo partido ao

meio em duas tranças enroladas, cobrindo as orelhas, estilo camponesa russa. Estava pálida, quase lívida, e não reconheci naquela senhora gorda tão estranha, a minha irmã – era mais do que irmã, era a minha Teté, o complemento de minha mãe –, cuja volta eu aguardara com tanta ansiedade, achando que tudo ia ser como antes. Ela me abraçou, eu me encolhi. Não podia ser ela – e nessa hora foi a primeira perda que sofri, das muitas que vieram depois (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 59-60).

Os fios da vida escorrem por entre os dedos, levando Rachel. Mas, “o que pode fazer o biógrafo quando o seu herói o abandona?” (WOOLF, 2003, p. 178). Talvez lembrar, “como quer Borges, que um homem não está verdadeiramente morto a não ser quando o último homem que ele conheceu por sua vez estiver morto” (LE GOFF, 1999, p. 29). A vida de Rachel está nas entrelinhas de seus escritos, e “a vida é o único tema do novelista ou do biógrafo” (WOOLF, 2003, p. 178). Isto nada tem a ver com estar sentado numa cadeira pensando. Ao contrário, é travessia. É se deixar ser atingido pela vida, senti-la como o vento que sopra no rosto de forma agradável ou de maneira cortante nos dias frios, para seguir trajetórias e compor a nossa própria.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, S. *A casa dos benjamins*. São Paulo: Caramelo, 2005.

ACIOLI, S. Das palavras sob as telhas da velha casa. In: COUTINHO, F. (org.). *Rachel de Queiroz: uma escrita no tempo*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p. 169-182.

ACIOLI, S. *Rachel de Queiroz*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

AGUIAR, C. Rachel de Queiroz, cronista. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, v. 115, n. 71, p. 108-117, 2010.

AIRES, D. Rachel de Queiroz: “Venho ao Sertão para ser feliz”. *O Povo*, Fortaleza, 15 mar. 1978.

ARAGÃO, C. de O. *Ceará e Galícia na Literatura: Xosé Neira Vilas e Rachel de Queiroz – vidas feitas de terra, mar e palavra*. 1998. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

ARAGÃO, R. F.; CAVALCANTE, T. V. Patrimônio cultural religioso na cidade de Juazeiro do Norte – Ceará

– Brasil e a tese de tombamento afetivo em Geografia. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 1-20, jul./dez. 2020.

ARAÚJO, F. Entrevista de Rachel de Queiroz concedida a Felipe Araújo. *O Povo*, Editoria do Sábado, 26 set. 1998.

ARÊAS, V. de. Rachel: o ouro e a prata da casa. *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz*, São Paulo, n. 4, p. 87-102, 1997.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, J. A. Borges, leitor do Quixote. Biblioteca Imaginária. *Cult: Revista Brasileira de Literatura*, São Paulo, n. 25, p. 54-57, ago. 1999.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERTAUX, D. L'approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. LXIX, p. 197-225, juil./déc. 1980.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Rachel de Queiroz. São Paulo, n. 4, set. 1997.

CARVALHO, E. de. Imortalidade de saias. *In: Tão Conceição, tão Moura*. Disponível em: <http://www.noo-lhar.com/tudosobre/rachel/>. Acesso em: 3 set. 2002.

CARVALHO, J. M. de. *Rachel de Queiroz: cadeira 5, ocupante 5*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.

CAVALCANTE, T. V. *Geografia literária em Rachel de Queiroz*. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

CEARÁ. Decreto nº 26.805, de 25 de outubro de 2002. Decreta monumento natural os Monólitos de Quixadá e adota outras providências. *Diário Oficial do Estado*, Poder Executivo, Ceará, 31 out. 2002. Ano V, n. 208, p. 3.

CHIAPPINI, L. Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais. *In: CHIAPPINI, L.; BRESCIANI, M. S. (org.). Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 157-176.

CLAVAL, P. As relações do homem com o meio: a mediação alimentar. *In: CLAVAL, P. A geografia cultural*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 261-292.

CUNHA, C. M. Crônica: a vida de Rachel de Queiroz dispersa. *In: TRABALHOS COMPLETOS DO XI SEMINÁRIO NACIONAL/II SEMINÁRIO*

INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA. ENTRE O ESTÉTICO E O POLÍTICO: A QUESTÃO DA MULHER NA LITERATURA, 2005, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ANPOLL, 2005. CD-ROM. p. 442-455.

CUNHA, C. M. Iniciação literária de Rachel de Queiroz. In: COUTINHO, F. (org.). *Rachel de Queiroz: uma escrita no tempo*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p. 55-73.

CUNHA, C. M.; FIGUEIREDO, M. Memória encadernada. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, v. 115, n. 71, p. 334-336, 2010.

DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FONTES, L. *ABC de Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FORTALEZA. Decreto nº 11.965, de 11 de janeiro de 2006. Dispõe sobre o Tombamento Histórico e Cultural da Casa de Rachel de Queiroz, na forma que indica. *Diário Oficial do Município*, Poder Executivo, Fortaleza, CE, 24 jan. 2006. p. 8.

FORTALEZA. Decreto nº 12.582, 15 de outubro de 2009. Dispõe sobre o Tombamento definitivo, Histórico

e Cultural da Casa da Raquel de Queiroz. *Diário Oficial do Município*, Poder Executivo, Fortaleza, CE, 22 out. 2009. Ano LVII, nº 14.170, p. 1.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.143-179.

GRATÃO, L. H. B.; MARANDOLA JÚNIOR, E. Sabor da, na e para Geografia. *Geosul*, Florianópolis, v. 26, n. 51, p. 59-74, jan./jun. 2011.

GUERRA, A. T. *Dicionário Geológico-Geomorfológico*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. 5. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p. 125-141.

HERSCOVITZ, H. G. O jornalismo mágico de Gabriel García Márquez. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. I, n. 2, p. 175-194, 2004.

HOLLANDA, H. B. de. O *Éthos* Rachel. *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz*, São Paulo, n. 4, p. 103-115, set. 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA. *Portaria nº 37-N, de 16 de abril de 1999*. Disponível em: http://sistemas.icmbio.gov.br/site_media/portarias/2010/05/12/CE_RPPN_fAZENDA_%C3%91_ME_Deixes.pdf. Acesso em: 18 jul. 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. 4ª Superintendência Regional do IPHAN (CE/RN). *Estudo para Tombamento Federal do Conjunto de Inselbergs de Quixadá – CE*. Fortaleza: IPHAN, 2001.

KARJALAINEN, P. T. On Geobiography. *Koht ja Paik / Place and Location*, Tallinn, n. 3, p. 87-92, 2003.

KOFES, S. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001.

KOFES, S. Os papéis de Aspern: anotações para um debate. In: KOFES, S. (org.). *História de vida: biografias e trajetórias*. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004. p. 5-16. (Cadernos do IFCH, 31).

LE GOFF, J. *São Luís: Biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LÉVY, B. *Hermann Hesse: une géographie existentielle*. Paris: Jose Corti, 1992.

LIRA, J. L. *No alpendre com Rachel: ensaio biográfico de Rachel de Queiroz*. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras/Cidadania, 2003.

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. Literatura de vanguarda no Brasil. *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 95-111.

MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; OLIVEIRA, L. de. Geograficidade e espacialidade na literatura. *Geografia*, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MENEZES, C. Rachel relembra o século. *Folha de São Paulo*, 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq26099803.htm>. Acesso em: 25 jul. 2021.

NERY, H. R. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. Ribeirão Preto/SP: FUNPEC, 2002.

OKELY, J. Anthropology and autobiography: participatory experience and embodied knowledge. *In:*

Anthropology and Autobiography. Edited by Judith Okely, Helen Callaway. New York: Routledge, 1992. p. 1-28.

PENA, F. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA.
Instrução de Tombamento Municipal da Casa de Rachel de Queiroz. Fortaleza, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA.
Processo de Tombamento nº17 – Casa Rachel de Queiroz – Parecer. Fortaleza, 2009.

QUEIROZ, R. de. Crônica n. 1. *O Cruzeiro*, 1945. Coluna Última Página. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/textos-escolhidos>. Acesso: em: 12 abr. 2021.

QUEIROZ, R. de. *Três romances: O Quinze*, João Miguel, Caminho de pedras. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

QUEIROZ, R. de. Como foi escrito “O Quinze”. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, ano LXXVII, n. 37, p. 59-62, 1976.

QUEIROZ, R. de. *As três Marias*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

QUEIROZ, R. de. *O galo de ouro*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

QUEIROZ, R. de. *Dôra, Doralina*. 9. ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

QUEIROZ, R. de. Terra no sangue. *In*: QUEIROZ, R. de. *As terras ásperas*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1993a. p. 19-20.

QUEIROZ, R. de. Um parque nacional dos serrotes do Quixadá. *In*: QUEIROZ, R. de. *As terras ásperas*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1993b. p. 192-193.

QUEIROZ, R. de. Diálogo das grandezas da Ilha do Governador. *In*: QUEIROZ, R. de. *A Donzela e a Moura Torta*. São Paulo: Siciliano, 1994. p. 116-119.

QUEIROZ, R. de. Pici. *In*: QUEIROZ, R. de. *O homem e o tempo*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1995a. p. 75-76.

QUEIROZ, R. de. Os passarinhos. *In*: QUEIROZ, R. de. *O homem e o tempo*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1995b. p. 66-68.

QUEIROZ, R. de. Os pássaros. *O Povo*, Fortaleza, 30 set. 2000.

QUEIROZ, R. de. *Cenas brasileiras: crônicas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.

QUEIROZ, R. de. O nosso humilde ofício de escrever. In: QUEIROZ, R. de. *Rachel de Queiroz*. Seleção e prefácio Heloísa Buarque de Hollanda. São Paulo: Global, 2004a. p. 268-270. (Coleção Melhores Crônicas).

QUEIROZ, R. de. *O não me deixes: suas histórias e sua cozinha*. 2. ed. São Paulo: ARX, 2004b.

QUEIROZ, R. de. *Memorial de Maria Moura*. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

QUEIROZ, R. de. *O Quinze*. 115. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M. L. de. *Tantos anos*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.

SARTRE, J-P. *Saint-Genet: ator e mártir*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

SCHWOB, M. *Vidas imaginárias*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

SCOTT, J. W. Experiência. In: SILVA, A. L. da et al. (org.). *Falas de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.

SILVA, C. M. da. *Entre exílios, veredas e aventuras: o romance da vida social em Rachel de Queiroz*. 2005.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

TUAN, Y-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

VILAS BOAS, S. *Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

WOOLF, V. *Orlando*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

OS AUTORES

Tiago Vieira Cavalcante

Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Geografia – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Rio Claro) e Mestre e Graduado (Licenciatura) em Geografia – Universidade Federal do Ceará (UFC). É também Graduado (Bacharelado) em Turismo – Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Especialista em Ecoturismo – Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Especialista em Escrita Literária – Centro Universitário Farias Brito (FBUNI). É membro dos Grupos de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), Rastros Urbanos: Experiências, Encontros, Narrativas e Trajetórias e do Observatório de Paisagens Patrimoniais das Artes Latino Americanas (OPPALA). Trabalha com a abordagem humanista e cultural em geografia, discutindo e pesquisando temas como as educações, as religiosidades e as artes nas relações com a geografia.

Cristina Maria da Silva

Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-doutora em Antropologia – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e em Literatura Africana – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Doutora em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Graduada em Ciências Sociais – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro Efetivo da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOGRAPH) e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos. Em Pesquisa, Ensino e Extensão tem formação e experiência na área de Ciências Sociais, em Antropologia e Sociologia, mas, sobretudo, em Antropologia nas Cidades, Sociologia Urbana, Etnografia do Conhecimento, Antropologia e Sociologia da Educação, Sociologia das Diferenças, Literatura Brasileira, Literatura Africana e Literatura Comparada.

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Fundos - Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará
imprensa@proplad.ufc.br

O leitor tem em mãos um livro que teima em ser, ao mesmo tempo, geografia, sociologia e literatura. Quem nos ajuda nesse desvelar sociogeográfico é Rachel de Queiroz, eminente escritora cearense. A partir do que viveu e escreveu, Rachel nos incita a pensar geografias e sociologias outras, animadas por caminhos trilhados tanto por ela como por suas personagens.



9 786588 492949